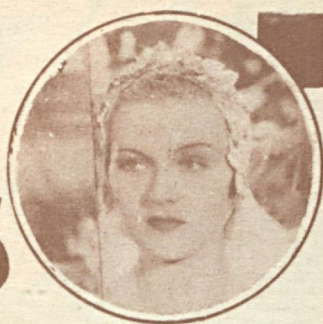
O MALHO
ANNO XXXVI-NUMERO 239
30 DE DEZEMBRO DE 1937
Preço 1$000
1938

ENXOVAL *do* BEBÊ

ALBUM *para* NOIVAS

O mais gracioso e original enxoval para recem-nascido, executa-se com este Album. 40 PAGINAS COM 100 MOTIVOS ENCANTADORES para executar e ornamentar as diversas peças acompanhadas das mais claras explicações, suggestões e conselhos especialmente para as jovens mães. Em um grande supplemento encontram-se, além de lindissimo risco para colcha de berço e um de édredon. 12 MOLDES EM TAMANHO DE EXECUÇÃO para confeccionar roupinhas de creança desde recem-nascida até a edade de 5 annos.

"O ENXOVAL DO BÉBÉ"
É UMA PRECIOSIDADE.

A venda nas livrarias - Pedidos á Redacção de **Arte de Bordar - Travessa do Ouvidor, 34** Rio de Janeiro - - - Caixa Postal 880

Contendo a mais moderna e completa collecção de artisticos motivos para execução de primorosos enxovaes de noiva. Lindos modelos de lingerie fina, pyjamas, liseuses, peignoirs, kimonos, camisas de dormir combinações, etc., e lindos desenhos para lençóes, toalhas de mesa, guarnições de chá, tapetes, cortinas, stores, tudo em tamanho de execução.

O album vem acompanhado de um duplo supplemento contendo um incomparavel desenho de

UMA COLCHA PARA CASAL

EM TAMANHO DE EXECUÇÃO E TODOS OS MOLDES AO NATURAL DE TODAS AS PEÇAS DE LINGERIE FINA

Pedidos á redacção de "Arte de Bordar" - Trav. do Ouvidor, 34-Rio

PREÇO EM TODO O BRASIL PREÇO EM TODO O BRASIL

Figurinos

ULTIMAS EDIÇÕES

RECORD Figurino mensal, com mais de 140 modelos simples, praticos e elegantes, para senhoras, moças e creanças. Contém em cada numero bellas reproducções photographicas de modelos de alta costura e trabalhos de senhoras, encantadores e de facil execução.
Em todas as casas de figurinos e jornaleiros.

TRÉS ELEGANT

Para as Costureiras apresenta mensalmente uma escolha sem igual de vestidos e manteaux, podendo satisfazer á clientela da elite. A edição popular compõe-se de 10 ps. impressas a côres e 10 ps. impressas em preto. A Grande Edição contém ainda 4 paginas em papel "parchemin" collado sobre cortolina: as gravuras são collorridas a aquarella.

VERÃO 1938

Á Venda em Todas as Casas de Figurinos, Livrarias e Jornaleiros

Distribuidora Exclusiva no Brasil
SOCIEDADE ANONYMA
"O MALHO"
Travessa Ouvidor, 34-Rio

SMART

Recommendado ás Costureiras e ás familias.
Execução perfeita e simples, 250 modelos de bom gosto para Senhoras, Senhoritas e Crianças.

STAR

O grande album de estação muito procurado. Tudo o que concerne a moda simples e elegante para Senhoras, Moças e Crianças, 32 paginas em preto, 20 paginas a cores. Cerca de 300 modelos maravilhosamente desenhados.

Está á venda!

A DESLUMBRANTE EDIÇÃO DO NATAL DE

Illustração Brasileira

PRINCIPAES ASSUMPTOS DESTA GRANDE EDIÇÃO

DIA DE NATAL
Chronica de Rodrigo Octavio

O VESTIDO CÔR DE ROSA
Conto de Gustavo Barroso

O EXOTISMO DA CIDADE
Reportagem photographica — Redacção

O PRIMEIRO NATAL
Poesia de D. Aquino Corrêa

ARRANHA-CÉOS DE S. PAULO
Reportagem photographica — Redacção

O NATAL DO ERRADO
Conto de Claudio de Souza

FLAGRANTES ORIGINAES DA CINELANDIA
Reportagem photographica — Redacção

A NATIVIDADE ATRAVÉS DOS ESTYLOS
Chronica de Flexa Ribeiro

OS HOMENS QUE VELAM NO ALEGRE TUMULTO DAS PRAIAS
Reportagem photographica — Redacção

MUNDANISMO
Chronica de Gilberto Trompowsky

RELIQUIAS DO BRASIL DE OUTR'ORA
Reportagem photographica — Redacção

NATAL
Poesia de Olegario Marianno

NÃO PÓDE SER!
Conto de A. Austregesilo

UMA EXCURSÃO A SÃO PAULO, PARANÁ, SANTA CATHARINA e RIO GRANDE
Chronica de Galdino Pimentel Duarte

TRICHROMIAS, DOUBLÉS E DESENHOS DE:
Albrecht Dürer, Carlos Oswald, H. Cavalleiro, Paulo Amaral, Helmut e Trompowsky.

COM DOBRADO NUMERO DE PAGINAS E OFFERECENDO FARTA LEITURA ILLUSTRADA A CAPRICHO

PREÇO DO EXEMPLAR 3$000

HELMUT

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000
Semestral . . . . . 30$000

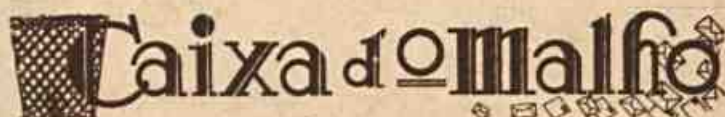
Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34

Teleph. 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880

RIO DE JANEIRO

ORIGINAES E PHOTOGRAPHIAS

Os originaes literarios ou photographicos, enviados a O MALHO, mesmo não publicados, não serão, em absoluto, devolvidos.

Caixa d'O Malho

ARISTOTELES COSTA (Santos) — Da direcção d'O MALHO, mandam agradecer-lhe a gentileza e dizer-lhe que as vistas serão reveladas, com o objectivo de aproveitamento.

NATAL (Caxias) — Agora, irei proceder ao desentranhamento dos seus originaes, para fazer nova solta. Os tres novos trabalhos foram incorporados aos demais.

HELIO (Rio) — Não existe má vontade. O que ha é balburdia. Farei uma reclamação em prol dos seus direitos, e espero ser mais feliz do que das outras vezes. Quanto ao novo trabalho, sou obrigado a cingir-me aos principios da casa. E um destes é: só publicar inéditos.

GAUCHO VELHO (Porto Alegre) — Resposta para você em o numero de 25 de Novembro. No dia mesmo em que v. escrevia sua carta. Supponho que já tenha lido aquella, não sendo necessario voltar ao poema "Resignação". Quanto aos dois trabalhos da presente remessa, ambos acceitos.

JOÃO NINGUEM (?) — Dos seus sonetos, um começa assim:

"Que importa *para ti* toda esta [casta?
Deixes zombar o mundo misera- [vel!"

e o outro termina assim:

"Por isso não te *enjoe os soffre* [*dores*
Que se estes, etc. ..."

Pode-se admittir, numa pagina de prosa, com alguma complacencia, um *para ti*, quando não ha outro geito. Mas soneto deve ser um trabalho cuidadoso, apurado. Ou então, não vale a pena perpetral-o e, muito menos, publical-o. Quanto ao *deixes* (em logar de *deixa*) só mesmo como *pirraça* á dona Grammatica. O mesmo quanto á desavença do verbo com o sujeito no outro verso citado. Com taes elementos — não preciso dizel-o — *é* impossivel construir sonetos acceitaveis.

LYDIO MONTEIRO GUEDES (?) — Apreciei immensamente os seus dotes de calligrapho. Quanto ás amostras literarias, acho que seu talento ainda está verde.

O café do Brasil na Exposição Internacional de Paris

Snr. Carlos Pinheiro da Fonseca, delegado do Departamento Nacional do Café, á Exposição Internacional de Paris.

Atravez do noticiario telegraphico e das proprias referencias das publicações francezas, constata-se, com satisfação, que o Departamento Nacional do Café teve uma representação condigna na Exposição Internacional de Paris.

Nosso principal producto de exportação alcançou, naquelle grande certamen mundial, uma propaganda extraordinariamente efficiente, e uma grande parte desse brilhante exito deve-se á acção pessoal do delegado do D. N. C., Snr. M. C. Pinheiro da Fonseca.

Sua actividade operou prodigios, o que se póde levar á conta da sua pratica em taes assumptos, visto como o Snr. Pinheiro da Fonseca, desde 1910, tem representado o Brasil em diversas exposições importantes, entre as quaes as de Bruxellas, Turim, Sevilha, Barcelona e Anvers. O *stand* do Departamento Nacional de Café no *Pavillon de l'Alimentation* na Exposição Internacional de Paris constituiu um modelo de bôa organização e deu aos que o visitaram uma alta idéa da capacidade de nossa producção e do nosso commercio.

B. R. RITO (Rio) — Recebi mais uma collaboração. Juntei ás demais.

HADE' ETELEY (Campina Grande) — Não me importo que V. me julgue passadista, ranzinza ou "tapado". Mas a verdade é que, no meu modo de entender, *aquillo* que V. me mandou nunca foi poesia, nem aqui, nem na China.

J. CASTELLO BRANCO (Bahia) — Meu caro, eu conheço pessoalmente, a Jugurtha Castello Branco, os seus livros e a sua calligraphia. Por isso a indignidade que V. está commettendo não produziu os resultados que V. esperava. São individuos como Você que fazem a gente descrer da humanidade.

PERNAMBUCANA (?) — Se lhe causou aborrecimento a minha resposta desculpe e faça de conta que nem a leu. A poesia de hoje, bôa. Interessam-me, sim, os estudos graphologicos. Mas para meu uso pessoal.

A. P. S. (S. Paulo) — Publicarei, cortando dois dos seus pensamentos, que me parecem demasiado contundentes.

SIMBAL (Rio) — A mudança de genero não lhe fez bem. Ao contrario: o poema está fraco...

L. D. (Nova Lima) — Acredito que V. tenha lido a minha resposta, mas pelo visto, ella não lhe adeantou grande coisa, porque me remette agora um poema pavoroso, acompanhado de um desenho ainda mais pavoroso. Faça voto de silencio por algum tempo.

J. (Recife) — Ainda bem que V. o comprehendeu. Approvado este original.

FLORA (S. Paulo) — Bem, a forma não é lá muito correcta, mas ha emoção no seu trabalho. Vale a pena perder uns momentos, fazendo pequenas correcções.

DR. CABUHY PITANGA NETO

Grupo tirado antes do jantar annual, que teve lugar no salão de banquetes do Automovel Club.

O JANTAR ANNUAL DO CLUB DAS VICTORIAS REGIAS

Transcorreu animadissimo, e num ambiente de fina elegancia e espiritualidade, o jantar annual do "Club das Victorias Regias", associação feminina de finalidades culturaes e gastronomicas, fundado nesta Capital, pela escriptora e jornalista D. Iveta Ribeiro.

Conforme a praxe, foram convidados diversos "lagos", denominação symbolica que recebem os cavalheiros presentes ás reuniões daquelle Club. Fazendo a apresentação de um delles, o poeta Paschoal Carlos Magno, seu convidado, a "Victoria-Regia" poetisa Maria Sabina de Albuquerque declamou a graciosa poesia que se segue, e que foi fartamente applaudida:

Victorias Regias, é hora!
Eu vos quero apresentar
o lago em que venho agora
me mirar.

Carlos Magno, altaneiro,
tem um som imperial;
mas o nome verdadeiro
é Paschoal.

Apresentar um poeta
popular como Paschoal
é uma ironia completa,
sem igual.

Apontar-vos com louvores
o poeta de "Explendor"
é dizer que o sol tem côres
e calor.

E ao encanto dessas almas
deslumbradas de ideal
peço uma salva de palmas
a Paschoal!

Tambem o poeta J. Ribeiro, saudando as Victorias Regias, na qualidade de "lago", recitou o seguinte soneto, de sua autoria, obtendo applausos prolongados.

VITÓRIA REGIA

De verde, assim, vestida, esta Vitória Régia,
Em "lago" transformou um modesto ribeiro;
E o Ribeiro bem diz a linda flor egrégia
Que recebe do céo as bençãos do Cruzeiro!

A bela orquestração de almas feminis, regé-a
O Fraternal Amor, que é sempre o primeiro
A fundir Corações! E, Tal Ventura, invéje-a
Quem a luz não sentir deste sol brasileiro!

Eu que sou, simplesmente, um ribeiro escondido
No verdôr da campina, á sombra dos arbustos;
Que caminho a cantar, mesmo, sendo esquecido,

Bem digo este momento alegre e triumfal,
Em que os *Lagos*, irmãos meus, sniceros e justos,
Vassalos são da Flor-Raínha Tropical!

Reproduzimos aqui dois aspectos photographicos do jantar do originalissimo Club feminino, para cuja presidencia, no novo periodo social, foi reconduzida, por unanimidade, a sua fundadora, senhora Iveta Ribeiro.

Aspecto parcial da sala onde se realisou o agape.

PREMIO CARLOS DE VASCONCELLOS

Carlos de Vasconcellos

Encerra-se amanhã o prazo de inscripção para candidatos ao "Premio Carlos de Vasconcellos", cuja prova consiste em apresentar um ensaio critico sobre as personalidades literarias e as obras de um dos dois escriptores nacionaes, Gustavo Barroso ou Afranio Peixoto, á escolha do concorrente.

De accordo com as bases que foram em tempo divulgadas, uma commissão especialmente convidada por este semanario e pela "Sociedade Carlos de Vasconcellos" fará o julgamento dos trabalhos apresentados, devendo o resultado ser conhecido, atravez as paginas de O MALHO no proximo mez de Março.

DR. HOEL SETTE, vem de doutorar-se pela Escola de Medicina de Pernambuco o Snr. Hoel Sette, filho do romancista pernambucano Mario Sette. Ao novel medico foi conferido por aquella Escola o premio Raul Leite, destinado ao alumno que mais se distinguir em todo o curso.

CARLTON, O NOVO RESTAURANT-BAR-*DANCING* DA AVENIDA ATLANTICA

Jornalistas presentes á inauguração do novo e luxuoso restaurant e bar-dancing da Avenida Atlantica, realisada na noite de sexta-feira passada, com a presença, ainda, de innumeras figuras de destaque na nossa sociedade.

A CASA DO JORNALISTA

Aspectos da visita ás obras da Casa do Jornalista, na Esplanada do Castello, vendo-se tambem a placa de construcção, collocada nessa occasião.

Dr. Pires do Rio.

O NOVO PRESIDENTE DA C. B. DE RADIO DIFFUSAO

Com a escolha do eminente Dr. Pires do Rio para a presidencia da C. B. de Radiodiffusão, estão de parabens todos os que se interessam pela diffusão do radio entre nós, pois se trata de uma figura de reconhecido valor moral e intellectual.

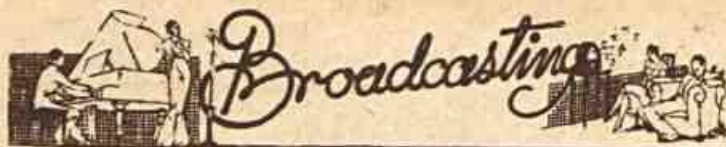
Actual director do "Jornal do Brasil" que mantem uma das mais importantes estações de radio do Brasil, ex-ministro da Viação, parlamentar, ex-prefeito da capital paulista, o Dr. Pires do Rio é bem o nome indicado para a presidencia da Confederação Brasileira de Radiodiffusão.

●

A "HORA DO BRASIL"

A partir de Janeiro, segundo soubemos, a "Hora do Brasil" vae ser irradiada das 20 ás 21 horas por todas as estações do paiz.

Depois de fazer um appello aos directores da "Confederação Brasileira de Radio-Diffusão", que não concordaram em ceder essa hora, o Snr. Lourival Fontes resolveu que assim deveria ser.

Affirmava-se, em consequencia, no ambiente radiophonico, que algumas estações serão forçadas a fazer córtes nos seus programmas de studio.

MENTIRAS RADIOPHONICAS

— De uma cantora de operas: — "Fui convidada a cantar em duas estações durante Janeiro e Fevereiro".

●

— De um compositor: — "As fabricas de discos quizeram gravar o meu samba. Mas eu achei que não era carnavalesco e deixei para depois..."

●

— De um speaker: — "Eu sou o unico que attende de verdade, aos pedidos dos ouvintes".

●

— De um cantor popular: — "Estou recebendo cerca de quarenta cartas por dia".

●

— De uma cantora de folk-lore: — "A minha pelle é tão importante quanto a minha voz".

●

— De um director novo de estação: — "O meu programma é concorrer para a cultura artistica do nosso povo".

●

— De um agente de publicidade: — "Ao fim de um mez o Snr. vae duplicar as suas vendas, annunciando de accordo com o meu plano".

●

— De um ouvinte que encontra um cantor na rua: — "Gostei muito do seu ultimo disco. Vou compral-o..."

●

RADIOLETES

— Gog, autor dos sonetos — perfis de artistas de radio que, ultimamente, temos publicado chama-se Carlos Calero e é estudante de Direito. Esta revelação é feita contra o seu desejo e só por accaso foi obtida a sua identidade.

— Com o successo da marcha "Touradas em Madrid", muita gente tem perguntado quem é a hespanhola que, no disco, tocou as castanholas, dando tanta graça á gravação. Pois saiba-se que a hespanhola é o João de Barro, um dos compositores da mesma. O outro autor, o Alberto Ribeiro, ficou pegando touro á unha...

— Até que emfim, ha dias, ouvimos com nitidez o "Radio Club de Pernambuco", com o nosso receptor de ondas longas. E tivemos o prazer de escutar a voz delicada e expressiva de Aline Branco, uma cantora de valsas como poucas existem aqui no Rio.

RADIO POSTAL

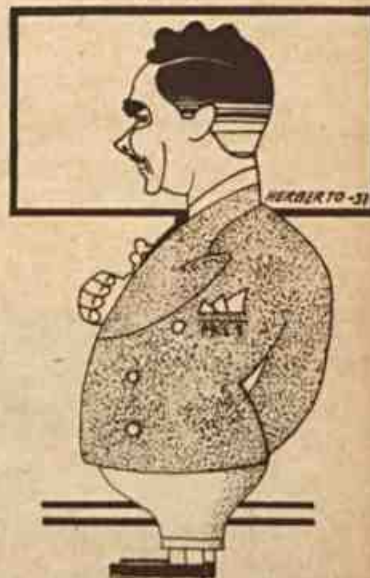
Arlindo Rosa — Itapetininga — São Paulo — As edições americanas para jazz de "Tristezas de São Luiz" e "Chamada de Trompete" não existem á venda nesta capital. Esta resposta demorou devido a uma promessa, que talvez ainda se cumpra, de me serem arranjadas essas orchestrações.

Eudoro Cotrim — Andarahy — Bahia — Já seguiram as musicas que pediu, sendo possivel que cheguem ás suas mãos antes da publicação destas linhas. Creio que com essa remessa estamos de contas justas. — O. S.

DE ONDA EM ONDA

— A hora é do "bom humor", conforme ella propria se intitula. Mas quando o Snr. Mario Teixeira canta, nos domingos pela manhã, esse programma da "Educadora" põe a gente de máo humor...

— Ha um disco carnavalesco, cantado pelo Snr. Francisco Alves, cujo estribilho, segundo nos parece, alcança um effeito contrario á intenção do autor. E' aquelle em que o solista indaga: "Quem bateu na minha porta?" E côro responde: — "Foi você". Quer dizer: — quem bateu na porta do Chico foi elle mesmo...

Apesar dos sambas e das marchas de Carnaval já terem tomado conta do radio, ainda se escuta com prazer os bons cantores romanticos. E entre estes está Gastão Cottini, que o publico distingue como um dos interpretes emotivos do nosso cancioneiro.

RADIO CARICATURA

Celso Guimarães é um dos grandes animadores do radio-theatro e a "Nacional" entregou-lhe a direcção dessa parte de sua actividade, agora tão importante e commercial como qualquer outra. Herberto Salles, caricaturista da Bahia, "ouviu" Celso Guimarães com o seu lapis expressivo.

CARMEM MIRANDA NA P. R. A. 9

Conforme fomos os primeiros a noticiar, Carmem Miranda, a estrella maxima do radio carioca, não renovou seu contracto com a "Tupy" e voltou a "sua P. R. A. 9", como diz o Laleira.

Na noite da "rentrée" da sua filha prodiga", a "Mayrinck Veiga" organisou um programma em que seus astros considerados principaes, como Francisco Alves, Silvio Caldas, Aracy de Almeida e outros, renderam homenagem á maior interprete do samba e da marchinha.

Carmem Miranda lançou em 1ª audição, nessa noite, a marcha "Dona Geisha", da dupla Paulo Barbosa — Oswaldo Santiago, por ella gravada em disco "Odeon".

CARNAVAL NA RUA!

Almirante

Não ha duvida. Em materia de Carnaval, Almirante é um dos maioraes, sabendo tirar da sua voz effeitos que os "gran des cantores" desconhecem. A prova está que elle, quasi todos os annos, é o creador de dois, tres ou mais successos. Para a temporada que já se iniciou, Almirante já está dentro do brinquedo com duas marchas de 1ª linha: "Touradas em Madrid" e "Yess, nós temos bananas", de João de Barro e Alberto Ribeiro. O seu repertorio, porém, vae ser dos mais vastos. "Circo de Cavalinhos", marcha de Ary Barroso; "O cantar do Gallo", marcha de Benedicto Lacerda e Darcy de Oliveira; "Maria Barafunda", marcha de José M. de Abreu e F. Mattoso; "Amar é um prazer", samba de Antonio Almeida; e "Pirrot Moderno", de J. Cascata e J. Barcelols, são outras tantas composições por elle gravadas e que sairão em breve. Almirante é, na armada do samba, uma verdadeira torre de commando.

MUSICAS NOVAS

— "Carinho de Yáyá", batucada de Juracy de Araujo e Gomes Filho, é uma das gravações de Odette Amaral na "Victor". Espera-se que essa musica seja um dos melhores exitos da temporada.

— Entre as creações de Carlos Galhardo para a folia de 1938 destaca-se o samba "Sorrir", de Alcebiades Barcellos e Armando Marçal, que forma o disco com a marcha "éOh, Senhora Viúva".

— As marchas "Ama secca" e "Mulher Fatal", de Antenogenes Silva, gravadas na "Odeon" por Nuno Rollando, foram lançadas auspiciosamente por esse cantor, na "Nacional".

— "Arca de Noé", marcha de Nássara e Sá Roris, é uma creação de Almirante que vae abafar, segundo todos os prognosticos.

ANNO NOVO

Eu desejaria, neste começo de anno, que uma felicidade immensa se estendesse sobre a terra.

Desejaria pão e alegria para todos os homens. E, aos meus proprios inimigos, todas as bôas sortes.

Que não houvesse mais nem um desgraçado. Que não houvesse nem pobres nem ignorantes pelo mundo. Nem dôres, nem tristeza. Nem fome, nem desesperos. Que os seres fossem eguaes entre si. Eguaes e felizes.

E' um sonho impossivel. Mas é um desejo profundo.

E eu que fui esquecendo com a vida as rezas de outros tempos, sinto, hoje, na memoria cansada, aquellas palavras voltarem uma a uma...

A vida passou.

Mas o bem que eu desejava ao proximo não diminuiu. A experiencia que tive dos meus semelhantes ensinou-me a melhor perdoal-os. E o conhecimento da miseria do mundo a desejar-lhes destino menos amargo.

E eu, que tambem acreditei em Deus, agora só lhe peço que olhe um pouco mais para essas crianças grandes e desgraçadas que são os homens...

BENJAMIM COSTALLAT

VIAGEM INTERIOR

Wilson de A. Lousada

A chuvinha miuda principiou a cahir, silenciosa e triste. Escorria vagarosa pelos vidros embaçados, afogando a paisagem numa penumbra melancolica. Zacarias contemplava as coisas lá fora, sob um veu opaco, num desfilar continuo e monotono de quadrinhos, cujos bordos deixavam fugir arvores careteantes e o capim molhado, numa repetição continua e sempre igual.

A luz do dia era pezada e cinzenta, indefinivel quasi. Zacarias bateu com força na vidraça trepidante, sentindo a frialdade da superficie polida e uma leve impressão de dôr nas falanges encurvadas dos dedos. Parecia-lhe tocar um limite, uma fronteira entre dois mundos, hostis, longinquos e diferentes.

Os campos molhados, o dia cinzento e escuro, — mundo silencioso e na sombra. O interior do carro, os homens que fumavam e se encolhiam nos bancos, a mulher gorda que lamentava a reprovação do filho em Geometria, o garoto estilisado que lia a pagina esportiva de um jornal qualquer, tudo aquilo era um outro mundo, — silencioso e na sombra.

Zacarias fechou as mãos com raiva. Estava fora daqueles mundos, sozinho com o seu odio e o seu medo. Na fronteira.

Aquela vidraça representava para ele um obstaculo doloroso. Si partisse o vidro? Não, seria inutil. A chuvinha, mole e insistente, entrando, faria em torno dele uma cortina umida, fria e sem vida. E ele continuaria só, debatendo-se na sombra confusa dos seus pensamentos.

A "idéa" martelava-lhe o cerebro, vagarosamente. Tinha que matar o Renato, seu colega de repartição. Ambos, não podiam viver. Contudo, no mais fundo de sua conciencia, sentia que ele era o inutil, o farrapo de carne esquecido no mundo. E esta confissão involuntaria fazia-lhe mal, dava-lhe arrepios de odio. Ha quanto tempo alimentava um desejo de vingança contra o Renato? Não sabia ao certo, não se lembrava nitidamente. Descansou a fronte enrugada nas mãos grandes e escuras, num esforço conciente para recordar-se. Quando principiara?

"Lembrou-se. Não tivera começo e nem teria fim aquele odio. Sentiu, obscuramente, que o seu odio não era contra um, contra um objeto determinado, mâs sim contra todos os homens, toda a humanidade e todos os deuses. Renato era a figura tangivel, palpavel, contra quem a sua amargura recalcada, a sua inveja e a sua dôr teriam que voltar-se. Matá-lo era vingar-se de tudo e de todos.

E do seu odio, da sua humildade, das suas qualidades negativas, Zacarias tirava a moldura brilhante que cingia Renato. Vê-lo entrar na repartição, com a superioridade de suas maneiras sempre perfeitas, o vigor positivo de sua mocidade, e um ligeiro toque de vaidade intelectual que demonstrava no trato com os colegas, era-lhe uma tortura quasi fisica, quasi dolorosa em sua propria carne.

E então Zacarias ficava remoendo pensamentos sinistros. "Si um automovel pegasse esse tipo, que alivio para mim..." E logo imaginava Renato no hospital, as visceras arrebentadas, agonizando debaixo de um lençol. Depois, o enterro. Ele, Zacarias, havia de mandar uma corôa. "Ao amigo e colega, as saudades do Zacarias e familia".

E tinha momentos de gozo extraordinario. Mas eram vãs ilusões. Nenhum automovel, nenhum bonde queria cortar a vida descuidosa do Renato. E Zacarias voltava a ruminar o seu odio. Pensava no lar. A esposa, relaxada e definhando, batia lingua com os seus vizinhos o dia inteiro, resmungava com os filhos, tinha ciumes ridiculos e quasi histericos. E Zacarias se maldizia por ter casado, por aturar os filhos, briguentos e chorões, enquanto o seu "inimigo" levava uma vida tranquila de rapaz solteiro, sem amolações e cuidados. O', ainda se Carolina fosse uma mulher bonita, elegante; si ele não tivesse filhos, si não morasse nos suburbios, a vida talvez fosse melhor.

E tinha subitos receios de enlouquecer quando, de noitinha, o corpo mergulhado numa poltrona esburacada, enterrava a cabeça entre as mãos pensando naquelas coisas.

A luz fraca da mesa de cabeceira deixava-lhe o rosto na sombra, em traços indefiniveis. Toda a casa em silencio. Lá fora tiniam os grilos. O vento bulia no matagal proximo, entrava pelas frestas da janela e vinha soprar-lhe o rosto. E Zacarias arrepiava-se todo. Aquele sopro, leve e acariciante, parecia trazer uma mensagem do além, murmurando-lhe coisas terriveis e sedutoras. Mas na vóz do vento chegavam-lhe as palavras de Renato. "Hoje vou pedir ao chefe para sair mais cedo; não quero ser escravo da burocracia. A vida é muito curta... Preciso gozar..." O vento rolava. "Como vaes, Zacarias? os garotos, a esposa?" E uma risadinha cinica vibrava na noite. "Você já leu *A virgem dos 18 kilates?*"

Zacarias apagava a luz. O quarto mergulhava na sombra. Mas ele ainda ficava longas horas pensando em Renato, vendo-o ganhar comissões rendosas, comprando um automovel, caminhando sempre. E aquilo fazia-o estremecer de raiva. Com os olhos pregados no teto, ele via tudo que imaginava. Levantava-se. Abria a janela, espiando a rua feia e triste pacatamente adormecida. "Canalha!"

A esposa chamava-o. "O', criatura de Deus, socega um pouco. Eu quero dormir..." E Zacarias voltava para o leito.

O trem rodava sempre. Zacarias, embalado pelo chocalhar das rodas nas juntas dos trilhos, planejava a vingança. Aquilo não podia continuar. Renato humilhava-o com suas observações ironicas, com seus ares protetores. "O', Zacarias, sempre preocupado com a familia, hein? E' de comover, quando a gente vê um homem cheio de embrulhos, serio, o ar cansado, de volta para a santa paz do lar. Vocês, homens casados, parecem objetos muito gastos pelo uso. Isso não me sae da cabeça..." Os colegas riam e protestavam. Zacarias fechava-se num mutismo cheio de odio. Baixava a cabeça para o relatorio ao chefe da seção, e consolava-se com seus pensamentos. "Este miseravel ainda me paga. Nem que seja a bala..."

Sim, e agora chegara a oportunidade. Renato fora promovido por merecimento, enquanto ele marcava passo.

Havia de ser tiro! Apalpou o bolso trazeiro da calça meio desbotada e sem vinco. O contacto duro de pistola, fê-lo sorrir, um esboço de gargalhada nervosa que mal enrugou-lhe os cantos da boca. Seis tiros! Despejaria toda a carga na barriga do Renato. Sempre ouvira dizer que, as feridas naquela região, produziam sofrimentos horriveis. Renato cairia, gemendo, o sangue pulando da ferida em borborões, manchando de vermelho as suas calças sempre elegantes, a camisa de seda, fina e cara. Zacarias fechou os olhos. Toda a cena desenrolava-se como um film na sua retina. Renato estorcendo-se. Os colegas, de caras assustadas e indignadas, cercando o corpo do amigo, amparando-lhe a cabeça. Balburdia, confusão. O chefe prendê-lo-ia em flagrante. Ele não oporia resistencia. Dignamente, entregaria a arma do crime e confessaria: sim, matei-o!

Depois, a policia. Um comissario, magro e sardento, fazia as perguntas de praxe. Perguntaria os motivos do crime. Aqui, Zacarias sentia um grande vacuo no cerebro, um grande vazio. Que podia dizer ao comissario?

Eu odiava-o! E, em duas palavras resumia toda a sua vida fracassada, a sua amargura contra o mundo, o seu pessimismo contra os homens.

Uma grade de ferro. Vultos obscuros, paredes umidas, palavras obscenas. Troncos de atletas. Negros, brancos, velhos. Babados. Cheiro de suor, emanações de alcool flutuando na atmosfera pezada.

Ficaria preso. Olharia por entre as grades a noite que chegaria, o vulto kaki do soldado no corredor.

E a esposa? Os filhos? Carolina, com toda a certeza, iria vê-lo no mesmo dia, naquele dia. Choraria? Talvez sim. Mas à sua maneira, em soluços violentos, pausados, lamentando-se em altas vozes para o comissario e o delegado. Contaria a vida dele, aquela vida que não soubera vencer, apagada, morna e triste. Seu filho mais velho tambem iria. E Carolina, entre lagrimas, ainda acharia meios de ralhar com o menino. "O', meu Deus! Meu marido era tão bom, nunca se exaltava... Como poude fazer isto? Matar um homem! O, meu Deus... Larga isso, menino... tira o dedo do nariz, seu imundo..."

Zacarias dominou a custo uma vontade louca de rir. Carolina, magra e chorosa, de olhos vermelhos, as mãos calejadas pelo serviço caseiro, implorando a Deus, ralhando com o filho enquanto falava ao delegado.

O trem deu um solovanco brusco. Os freios rangeram, prolongadamente. Zacarias, absorto, sentiu a cabeça bater com violencia no encosto de madeira. A dôr aguda imobilisou-o, a principio. Viu tudo vermelho. Uma cortina rubra descera-lhe sobre os olhos. Viu flutuarem nela visões tremendas. Caras sangrentas de homens onde as bocas riam cheias de sangue e os olhos choravam. A cortina ondulou. As caras sofreram mutações engraçadas, deformaram-se. E, entre aquelas caras, Zacarias identificava-se, perseguindo Renato. Mas ele se angustiava numa busca infrutifera. Renato fugia sempre, rindo, rindo...

Zacarias horrorisou-se. Fechou e abriu os olhos, rapido. A visão apagou-se. A cabeça estava doendo. Esfregou de leve os dedos na parte machucada. O trem corria sempre. Uma fumaceira espessa e negra entrava pelas portas do carro, sufocante. Faltavam apenas quinze minutos... A Central, a praça da Republica, o bonde vagaroso e monotono. Depois, o crime.

A Detenção. Com certeza o juri ia condená-lo a trinta anos de prisão.

Trinta anos! Sempre olhando por traz de uma porta gradeada. Fazendo todos os dias as mesmas coisas em horas marcadas. (Durante trinta anos!) Os mesmos pensamentos entre quatro paredes nuas e sujas, pisando o mesmo chão ... Santo Deus! Começou a sentir medo. O corpo esfriou-se-lhe, lentamente, da espinha para os braços e as pernas. O frio invadiu-lhe o cerebro, repelindo vagarosamente o raciocinio para fora da sua triste cabeça cansada. Sentiu um grande vazio dento de si, uma solidão interior. Julgou-se longe, muito longe, da vida. Abandonado, miseravel, pequenino. Tremia, suava. Encolheu-se todo, esmagou-se contra o banco. Creu estar desaparecendo num abysmo sem fundo, onde a luz estivesse aos poucos desaparecendo. Não sentia, não via os companheiros de viagem. Tudo desaparecera.

O ranger dos freios, o vozerio, despertaram-no daquele torpor. Lembrou-se vagamente de que deviam ter chegado. Enxugou a cara molhada de suor, palida e quasi velha. Levantou-se. As pernas, numa grande lassidão, recusavam-se a andar. Arrastando os passos, cansado, velho, empurrado pela multidão, chegou á rua. A chuva formara grandes poças no asfalto. Ele chapinhou os pés nagua, recebeu indiferente os respingos de lama que um automovel lhe atirou...

Quando entrou na repartição, os colegas cercaram-no algo espantados.

— Estás sentindo alguma coisa, Zacarias?

— Estás palido de meter medo...

Zacarias respondeu custosamente:

— Não é nada, uma indisposição, umas tonteiras. E ainda tive de correr para apanhar o bonde...

Renato aproximou-se e bateu-lhe no ombro.

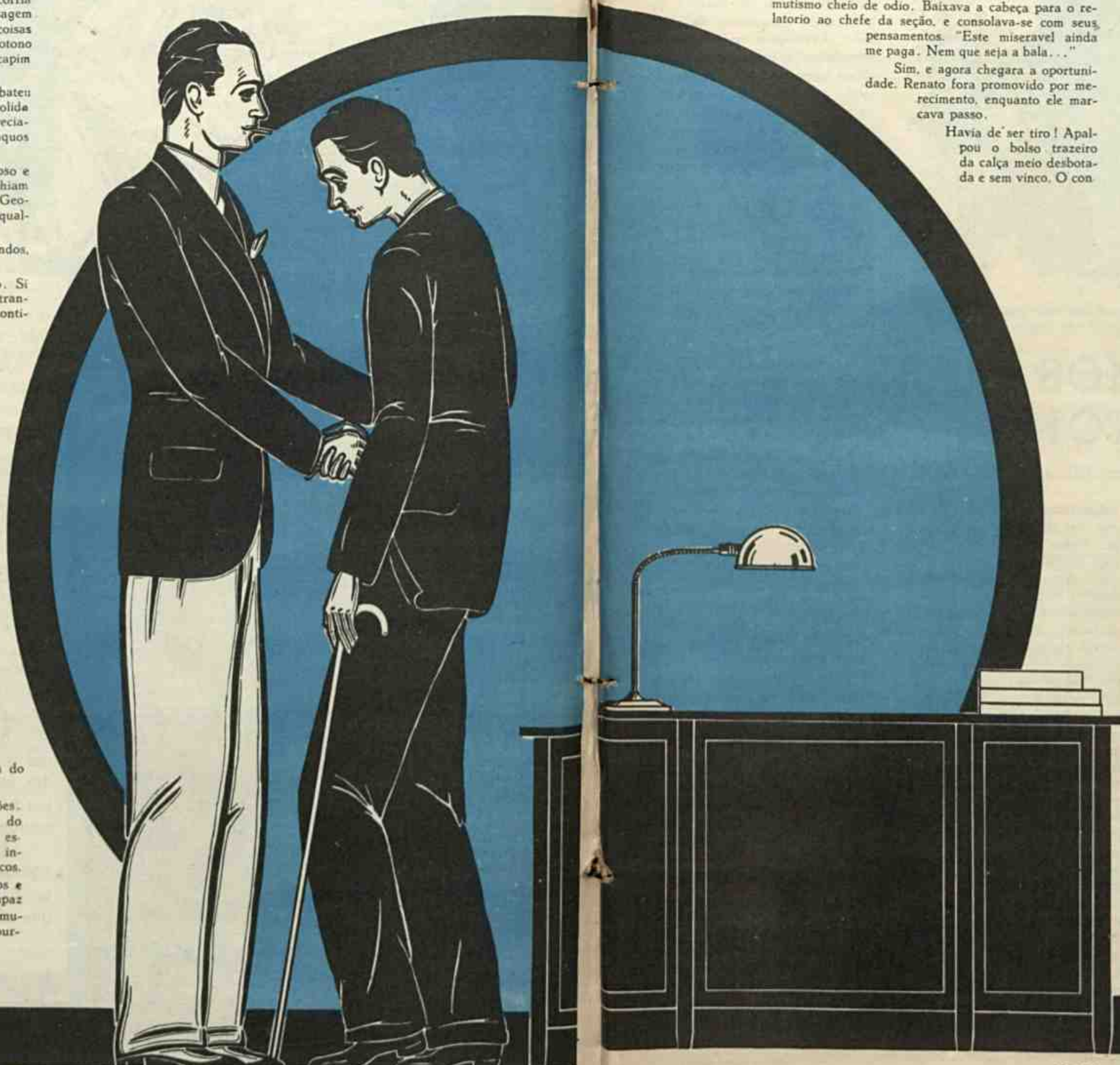
— Você deve ir para casa, Zacarias. Ninguem pode trabalhar doente. Não se mate pelo serviço...

Zacarias olhou-o mornamente e sorriu. Estendeu a mão fatigada para o outro.

— E' verdade, você foi promovido! Um abraço e minhas felicitações. Você mereceu...

William Thomson, uma das intelligencias que mais trabalharam para o desenvolvimento da physica moderna.

OS ULTIMOS DIAS DO ATOMO

Por DE MATTOS PINTO

PARTIRAM da Allemanha e da Inglaterra, a sensacional nova do fraccionamento e da transformação do atomo a victoria mais profunda da physica, no seculo XX. Informaram de Berlim, que Fritz Lange e Arno Brasch partilharam o atomo de aluminio, empregando uma corrente electrica de dois milhões e quinhentos mil volts, transformando o aluminio em helio, com a energia excedente de oito milhões de volts. Tambem dividiram os atomos do borio, sodio, lithio e glucinio, alterando as suas qualidades fundamentaes. Por outro lado, o mesmo acontecimento scientifico occorreu em Cambridge, onde F. D. Cockroft e E. T. S. Walton desintegraram a estructura atomica, mudando o hydrogenio em helio. Tanto nos ensaios dos physicos allemães Fritz Lange e Arno Brasch, como nas experiencias dos physicos inglezes F. D. Cockroft, o potencial da electricidade utilizada se desdobrou, offerecendo excesso de energia desconhecida, pelas leis de hontem. Agora, demonstrada a existencia real do atomo e dos seus electrões satellites, girando velozmente, em volta do nucleo, alcançamos as ultimas fronteiras da materia, penetramos no dominio intimo da electricidade, onde opera a energia inexgotavel do ether.

Jean Perrin ennunciou em 1901, a hypothese moderna, confirmada pela physica experimental onde compara o systema atomico ao mundo solar, com electrões satellites. Como Perrin não houvesse procurado averiguar a realidade da supposição, outros tentaram resolver a hypothese, que viria substituir a theoria electrostatica de J. J. Thomson. Em 1911, descobriu o physico inglez Ernest Rutherford, que certos raios A — alpha, letra grega — principalmente as radiações emittidas pelos atomos de helio, soffrem grandes desvios, atravessando a estructura de certos corpos. Evidenciava-se assim, que o atomo se constitue realmente, pelo nucleo positivo, envolvido pela gravitação dos satellites. Algum tempo depois, o physico dinamarquez Niels Bohr completou a hypothese de Rutherford, accrescentando aos factos observados, que a emissão da luz radioactiva se produz, quando os electrões livres saltam de uma orbita, para outra orbita.

Aliás, já em 1895, Lorentz havia creado a doutrina electronica da materia, baseando-se no principio fecundo, de que os corpos contêm grande numero de particulas, formadas de atomos e de cargas de electricidade negativa. Para J. J. Thomson, o atomo de electricidade constitue o elemento essencial do Universo. O electrão, cuja hypothese se deve a Johnson Stones, exprime a massa do proprio corpusculo, designa a carga existente num atomo de hydrogenio, indica a quantidade minima de energia electrica, podendo entrar no calculo. William Crookes via na electricidade, a base fundamental da materia. Chegaram mesmo a admittir a existencia de duas especies de electrões, uma variavel soffrendo modificações na estructura, constituindo os atomos com as suas affinidades chimicas e a outra dotada de constituição fixa, essencialmente electromagnetica, continua, sempre egual, esparsa por todo o Universo. Da primeira se compõe a materia ponderavel, geometrica, physica, visivel, que forma a architectura dos corpos. Da segunda provem o ether, meio subtil, plastico e prodigioso, electromagnetico que envolve os atomos e os astros.

Desde que Leibniz ennunciara o seu famoso principio, a natureza não dá saltos, os physicos se habituaram a representar a materia, como um continuo sem falhas, sem lacunas atomicas. Planck suggeriu, porém, que toda fonte radioactiva de luz, só póde irradiar e absorver energia por discontinuidade, por saltos bruscos, o que significava o desmentido do principio de Leibniz. Por sua vez, Niels Bohr adduziu completando a hypothese, que o electrão descreve a sua trajectoria sem irradiar nenhuma luz. Sob a acção de certas forças electromagneticas, porém, os electrões saltam de uma orbita para outra orbita, deflagram energia. Os corpos conhecidos, cujos nucleos se desaggregam e onde os electrões pulam de orbita, designam-se de radioactivos. E. Washburn entende, que os electrões se locomovem facilmente, de atomo a atomo, no interior dos metaes e que a energia da electricidade dimana dos electrões em movimento.

Na desintegração do atomo, levada a effeito pelos physicos inglezes F. D. Cockroft e E. T. S. Walton, como pelos physicos allemães Fritz Lange e Arno Brasch, o acontecimento capital reside na multiplicação da energia intra-atomica, resultante do bombardeio electromagnetico. A exploração das forças poderosas da vida do atomo, sempre constituiu o sonho ineffavel da physica. Os calculos de Maxwell e Clausius demonstraram que um centesimo cubico de ar contem vinte e um trilhões de moleculas, separadas entre si por distancias de tres a quatro millionesimos de millimetro. O hydrogenio, um dos gazes da estratosphera, se encontra a sessenta e oitenta kilometros, acima do solo terrestre. Movendo-se com a velocidade media de quatrocentos e setenta e sete metros por segundo uma molecula de hydrogenio produz milhões de choques. Smon, Kaufmann e Thomson, calcularam a velocidade do electrão, de quarenta mil a cincoenta mil kilometros por segundo, podendo alcançar até cento e cincoenta mil kilometros. Pelos calculos de Berthier a energia de translação das particulas, de uma molecula-gramma de gaz, pode levantar um kilo, a trezentos e quarenta metros de altura. O numero de giros dos electrões, gravitando em torno do nucleo atomico, depende da sua distancia e varia conforme o electrão. Na media, suggere H. Pellat, o numero de voltas attinge quinhentos trilhões por segundo, egual a oito mil trezentos e trinta vezes, o numero de segundos, que a humanidade viveu desde o nascimento de Christo, até os nossos dias. Um fragmento de radium emitte luz, incessantemente e só depois de mil e quinhentos annos, perde metade do seu peso. G. Claude assevera além disso, que um kilo de radium possue força electronica, capaz de accionar um motor de mil e quatrocentos cavallos, durante cincoenta mil annos. Outros calculos põem em relevo a velocidade fantastica dos electrões, deante da qual a rapidez das nossas locomotivas e aviões, pode ser considerada uma cousa pueril. O electrão possue velocidade para viajar á lua, indo e regressando, em seis segundos. Oliver Lodge sustenta, que a energia do ether escapa ás medidas e que a substancia de alguns millimetros cubicos, transformada em materia, daria um milhão de toneladas, com energia equivalente a um milhão de cavallos vapor, produzida durante quarenta milhões de annos. O fraccionamento do atomo demonstrou o fim da materia, como estado transitorio do ether e revelou as forças immensuraveis da energia electronica cujo poder facilitará a conquista do Universo, pela sabedoria humana.

Em 7 Dias...

● Foi eleito para a Sociedade Portugueza de Antropologia e Etnologia, por proposta do prof. Mendes Corrêa, o professor Angyone Costa, autor de varios trabalhos de repercussão.

● Nasceu na Russia uma creança do sexo feminino com duas cabeças, sendo entregue ao Instituto de Medicina Experimental ...ra effeitos de estudos.

● O chefe de policia do Rio Grande do Sul, em obediencia a ordens do Interventor, prohibiu o uso de distinctivos do partido nazista allemão no territorio do Estado.

● Falleceu o general Ludendorf, um dos collaboradores de Adolf Hitler na implantação do actual regimen de governo na Allemanha e figura de destaque nos dias da grande guerra.

● Foi demittido, a pedido, do cargo de promotor publico interino de Nictheroy o Dr. Zolachio Diniz, que vinha actuando no inquerito em que figura como accusado o excadete Cajaty.

● Realizou-se a eleição da nova directoria do Syndicato dos Jornalistas Profissionaes, sendo eleito presidente o brilhante jornalista Pedro Thimoteo, director da Associação Brasileira de Imprensa.

● As grandes chuvas que cahiram durante varios dias, causaram a elevação das aguas do rio Parahyba do Sul, na cidade de Campos, de mais de onze metros. A cidade foi invadida pelas aguas e os prejuizos foram enormes.

● Foi nomeado embaixador do Perú no Rio de Janeiro o Sr. Jorge Prado, vulto destacado da diplomacia daquella republica amiga.

● Por decreto-lei do governo nacional foi extincto o Instituto Nacional de Saude Publica, passando as suas attribuições para o Instituto Oswaldo Cruz, cujas finalidades foram discriminadas no mesmo acto governamental.

● Em obediencia aos preceitos constitucionaes em vigor, foi aposentado por ter attingido o limite maximo de edade para o serviço publico o ministro Ataulpho Napoles de Paiva.

● Foi nomeado presidente da Caixa Economica da Bahia o Dr. Lauro Passos, ex-deputado por aquelle Estado á Camara Federal e figura de larga projecção nos meios politicos nacionaes.

● Assumiu a direcção do prestigioso orgão de imprensa de S. Paulo, o "Correio Paulistano", o Dr. Abner Mourão, experimentado jornalista e ex-parlamentar.

● O boxeur Primo Carnera, ex-campeão mundial, foi internado em um hospital na capital da Hungria, achando-se sem recursos. O ex-manager de Primo Carnera, Sr. Luiz Soresi enviou, de Nova York, 6.000 dollares de auxilio ao lutador italiano.

● A Côrte de Appellação de Chicago regeitou o pedido feito pelos advogados de Al Capone, para que fosse diminuida de um anno o prazo de sua reclusão.

● O coronel De La Rocque, chefe dos "Croix de Feu", foi condemnado a pagar tres mil francos, pelos tribunaes.

● O governo nacional baixou importantes decretos-leis na Pasta da Educação, entre os quaes o que transforma o Instituto Cayrú em Instituto Nacional do Livro e o que crêa o Serviço Nacional de Theatro.

● Teve logar na Escola de Estado Maior do Exercito a cerimonia de encerramento das aulas e entrega dos diplomas aos officiaes que concluiram aquelle curso.

● Completou vinte e cinco annos de publicação util ao commercio e á industria do paiz o "Monitor Mercantil", periodico especializado em assumptos de economia e finanças que tem como director o nosso confrade Pedro Leite Bastos.

● Patrocinada pela exma. esposa do Sr. Presidente da Republica, D. Darcy Vargas, e com o auxilio da Associação Brasileira de Imprensa, realizou-se a entrega de festas de Natal aos meninos pobres da cidade.

Prof. Angyone Costa

General Ludendorf

Pedro Thimoteo

Dr. Lauro Passos

Dr. Abner Mourão

Sr. Pedro Leite Bastos

D. Darcy Vargas

A chimica é a sciencia de Deus. Pertence-lhe, como ao Senhor, o dom supremo da Creação. O Universo é um phenomeno physico-chimico, relativamente simples. Os metaes que existem na Terra são os mesmos de Urano, Saturno, Venus e outros habitantes da amplidão cosmica. A propria Vida, flôr dos seculos, é uma combinação de carbono, hydrogenio, oxygenio e azoto. E' do encontro desses quatro elementos que nascem os compostos albuminoides, base da architectura cellular e principio vital por excellencia.

O genio é um phenomeno chimico; o amôr, tambem... O centro da Terra é um immenso laboratorio, onde os metaes se fundem como se fossem manteiga, e se prepara, lentamente, o futuro dos seres e das cousas.

Ora, a Allemanha é o paiz da chimica assim como a Italia é o paiz da musica, e a Inglaterra — o paiz do cachimbo e do *whisky*. Grande parte da riqueza e do poder militar da Germania provêm da actividade dos seus laboratorios, que deram ao Mundo um Ehrlich, um Wasserman, um Scheudinn... Foi a industria das materias corantes syntheticas que lhe assegurou supremacia inconteste sobre as demais nações da Europa. Os sabios allemães fizeram mais pelo seu paiz do que a esquadra britannica pela Inglaterra e o exercito napoleonico pela França.

Mas, como a Allemanha é um paiz pobre de materias primas, trata de crear tudo por meios exclusivamente syntheticos. Ali já se fabricam a borracha e a gasolina syntheticas, isto é, o calçado e o combustivel dos vehiculos automoveis. De qualquer pedaço de madeira obtêm benzina excellente. E, agora, com um pouco de carvão commum, acabam de fabricar sabonetes deliciosamente perfumados...

Jamais alguem havia imaginado a possibilidade de tomar banho com um bocado de carvão na saboneteira. Esse é, pois, o banho mais sensacional da Historia — mais sensacional, mesmo, do que o de Izabel, a Catholica, na vespera do seu casamento com Fernando, de Hespanha... Depois de saponificados, os carvões do Ruhr darão para ensaboar os 65 milhões de allemães que se comprimem na Europa Central, entre a linha Maginot de um lado, e a floresta de baionetas russas e polonezas, do outro...

O sabão synthetico é o caminho para outras syntheses maravilhosas: a do *bife*, a da couve-flôr, a da linguiça, etc. Por que um porco será mais difficil de fazer do que um sabonete? Certos sabões de Coty ou Myrurgia são verdadeiras obras primas, que valem versos inteiros da "Divina Comedia".

O sabão é, juntamente com a imprensa, o radio e o aeroplano, uma das grandes conquistas do genero humano. Até o seculo passado morriam, por anno, milhões e milhões de pessoas, muita vez na flôr da idade — por simples sujeira. As epidemias medievaes só se propagavam rapidamente porque ninguem tomava banho. Os gentis trovadores e as formosas Hermengardas dos seculos XIV e XV cheiravam peor do que qualquer das nossas cozinheiras de hoje.

Os proprios reis e principes não sabiam o que era um banho total — senão no dia em que eram armados cavalleiros, ou se casavam. Quem morria solteiro — ficava, por isso mesmo, limitado a um unico banho. Desse modo, as idades mais bellas da Historia cheiram mal, cheiram pessimamente...

O sabão tornou mais util e mais agradavel o uso dos banhos, no mundo inteiro. A Europa ainda hoje hesita em se metter debaixo de um chuveiro — mas a America se banha diariamente, e faz gosto nisso. Pode-se fazer o calculo do asseio physico e moral de um povo pela quantidade de sabão que elle consome por anno. Paiz onde não ha fabricas de sabonetes é paiz suspeito a qualquer nariz bem educado. Depois de um banho agradavel, o homem sente as idéas mais claras, e as intenções — mais limpas. Um cavalheiro limpo tem 90 % de probabilidades de ser um sujeito honrado.

Por isso, a synthese do sabão é um acontecimento tão importante como o foi, no seculo XIX, a synthese da uréa por Woeler. A velha Germania, famosa pelo seu espirito guerreiro, acaba de mostrar que, para ser forte de todo, é preciso ser limpo de uma vez. Banhado, barbeado e perfumado com agua da Colonia — o exercito do Reich será invencivel. Em 1914, os piolhos das trincheiras retardaram, muita vez, a acção decisiva das tropas de ambos os lados combatentes. A nova Guerra será, talvez, mais destruidora do que a outra — porém, bem mais cheirosa e asseada...

E o seculo XX ficará como o seculo da synthese dos sabões, assim como o XIX foi o seculo da analyse do pensamento universal...

Os milagres da chimica

BERILO NEVES

VICENTINO del Bussi bocejou demoradamente. Esticou com fastio as pernas, depois cruzou-as em "x", ageitou as almofadas de seda negra sob a cabeça e ficou olhando o telhado de verniz escuro do seu aposento de descanso.

Cansou da posição. Tornou a virar de lado. Seus olhos perambulam, agora, pelos objectos que se dispõem numa desordem agradavel. Ninguem lhes procura logar certo; pousam onde um qualquer os deixou.

Vicentino, no seu exotismo, sente-se bem com estes tapetes asiaticos, e os seus moveis bizarros. Tem grande admiração pelas folhagens. Só não supporta flores. Uma arvore esguia, fina, com galhos espessos, copa em coróa. Mamoeiros nus, pinheiros de postura insolente, coqueiros immoveis que sobem, sobem. Eis o seu prazer doido... a ansia de attingir, de alcançar, embora nada esteja ao alcance dos seus dedos. O esforço de erguer os olhos para olhar-lhes as folhas. O orgulho de ser maior, de querer subir mais, de olhar do alto. Ineditismo de fórma, imprevisto de linhas, colorações aberrantes.

Por isso, estes jarros de xaxim estão com pedaços de cactus e enfeitados com urtigão.

Aquellas especies ali, trouxe-as do Oriente. Com ellas vieram aquelles quadros, aquellas carapaças espinhosas, aquelles ouriços e conchas.

E muitas outras bambuseiras que foram importadas das cinco esquinas deste planeta que se mexe com tanta moleza.

Sim, o fim do anno está ahi. Mais seis dias, bumba, está-se no anno que vem. Esteja-se no Rio, em Paris, nas Antilhas.

Puxa, que horror del Bussi tem ás folhinhas e aos relogios.

— Ô... ó...

Soltou um assobio de coió.

O hespanhol appareceu á porta do seu aposento, arregaçando a cortina azul, com a mesma cara, aquelle bigode, aquella voz de avózinha contando historia ao neto.

Não me perguntou nada. Piscou-lhe o olho e elle curvou-se.

Passara ordens de que, naquelle dia, não estava para ninguem.

E que puzesse as garrafas de *boomerang* authentico africano e de aguardente de cascas de arroz na geladeira. Nada de champanhe..

Queria passar o dia sózinho com aquelle pinheiro, que elle mesmo armara no centro do aposento que occupava.

Queria se lembrar de alguma coisa.

Era esse o seu Natal de todos os annos. Bebia, bebia, com os olhos cravados naquellas velinhas, mantidas accesas até o dia seguinte.

Desde a infancia, a mãe o acostumara a velar a noite inteira o pinheirinho todo enfeitado de brinquedos, de fios longos de prata, de bolas e de neve de algodão fino e esgarçado.

Um dia, ella morreu. Seu pae tambem morreu. E elle, m e n i n o perrenho cheio de vontades e com a renda annual de poucos millionarios, ficou sózinho com muito dinheiro e c o m a saudade que, talvez, naquelle instante, inda vivesse comsigo.

Era só por isso que Vicentino del Bussi — proprietario de innumeras fabricas de vidro em Calcutá e fornecedor de armas e munições para diversos exercitos deste planeta revolucionario, — nessa noite de Natal, queria ficar só, com a arvore enfeitada de luzes e de côres.

Sómente por isso. Pareceria banal, si este motivo não escondesse muitos outros. No intimo, muitas razões encontrava para o seu retiro.

Sem saber mesmo porque, amanhecia juntamente com o dia.

Uma tristeza vinda não sabia de onde, se apoderava delle e, como se desdobrara numa figura de espelho, vivia aquellas vinte e quatro horas de todos os nataes, duma maneira differente das que vivia os outros dias.

Era um aborrecimento, uma vontade de chorar. Por causa mesmo dessa transformação, uma das suas favoritas se despedira delle, fugira, julgando-o louco.

Elle que nunca permittira entrada de mulher alguma no aposento onde passava sua angustia de fim de anno, fizera excepção áquella Zú-chá, que tinha carinha de ingenua. E, ella se horrorizara de vel-o assim tão desgraçado.

—:—

Zú-chá.

Seus olhinhos apertados sem uma prega, nas palpebras. Você, com estes olhitos humidos, estas pestanas curtinhas e fartas de pello, com essa menina dos olhos do negror de nankim. Você com esses labios, esse rosto nipponico e essa pelle côr de chá, com esse penteado acertadinho e essa pastinha lisa encobrindo a testa como faixa de pixe.

Você, com estes passinhos curtos, essa voz tão doce, a expressão mysteriosa onde nada se comprehende. Você Zú-chá, — figurinha de charão perdida entre mil caixas e a porcelana fina, — foi a tentação que entrou na vida de del Bussi.

Que tarde aquella, hein? E a jura que você fez de que elle era o primeiro a provar-lhe o sabor. Você, com esse exotismo, foi a unica conquista que o celibatario del Bussi fez por si mesmo.

Elle quando passeava, naquella tarde, pelas ruas de Kioto, cansado de contemplar os templos Budhas e o lago Biva, tinha comsigo o desejo da conquista. Vinha displicente, quando viu você. Zu chá, você reparou-lhe o espanto? Julgou-a uma boneca perdida entre tantas outras. Não se conteve e outro para comprar alguma cousa. Motivo para vel-a melhor...

Elle não comprou nada. Nem porcelanas, nem leques, nem telas de canhamo estampado. Do bazar de Zu-chá trouxe, simplesmente, o amor da exotica Zu-chá.

Você tornou-se, então, sua preferida. Viajou com elle. Contou-lhe muita cousa da sua terra da paciencia.

Tudo isso durou quasi um anno.

Quando chegou o Natal, — dia da sua angustia de fim de anno, — Zu-chá fugiu com medo.

Vicentino del Bussi espancou-a, quasi machucou-a com a sua ira de vinte e quatro horas.

Depois, Zu-chá, você, — alma de porcelana, que com o mais leve toque se desfaz, — foi chorar a sua dôr longe desse homem.

Fastio de millionario, insujeições banaes de favorita, que se julga escravisada muito tempo depois de ter sido. E elle vivia repetindo pelos quatro cantos do palacete rosa.

— A minha japonezita fugiu...

Sim, você fugiu com uma carteira de cheques. Esta carteira acabou-se, — não foi Zu-chá? — e elle mandou-lhe muitas outras. Continuou a sustental-a e, talvez, a um outro qualquer. Era preciso que elle gastasse o dinheiro e você, Zu-

(*Conclue na pagina* 30)

A vida começa aos quarenta...

WALLIS Simpson, de quarenta e dois annos, conquista o seu amor, Edward, Duque de Windsor tambem de quarenta e dois, ex-rei da Inglaterra, ex-Imperador da India etc.. Mary Pickford Moore Fairbanks, de quarenta e tres annos, eternamente joven, casa-se com o bonitão Charles "Buddy" Rogers. Victor McLaglen, quarenta e seis annos, recebe a estatueta de ouro, o mais significativo premio da Academia de Artes e Sciencias Cinematographicas de Hollywood em 1936, e diz: "Quando se chega a minha edade e uma cousa dessas acontece — fica-se realmente confortado". Edward Arnold, quarenta e sete, alegra-se com a lembrança dos seus recentes successos *(Crime e Castigo, Meu Filho é meu Rival)* e exclama: "Foram precisos mais de quarenta annos para eu realisar as ambições da minha vida — um lar, segurança, paz".

Nesta estação, são os mais velhos os que têm conseguido successo na vida (Mão, jovens Bob Taylor, Anita Louise, Tom Brown, Clark Gable... e mesmo Shirley Temple!...) Si V. está abaixo dos quarenta nestes dias é muito joven para saber o que a vida, o amor é as conquistas significam realmente. O romance do seculo (Wallis e Windsor) fixou os quarentões... Não sómente o amor em dias tardios está sendo louvado, como são distribuidos lauréis por successos profissionaes aos que completaram as quatro decadas. O Dr. Walter Pitkin, autor do *best-seller "Life Begins At Forty"* está com razão. Olhemos para William Powell. V. ri e se emociona com o humor e o romance de Bill Powell um luminar — William Horatio teve trinta e tres annos ha muito tempo... Sua popularidade nunca foi maior e o descaso de Bill pelos quarenta rivalisa com a sua popularidade. A attracção de Ronald Colman (nada mais joven que quarenta e cinco annos) não foi obscurecida por ameaças como Clark Gable nem Robert Taylor. Os quarenta trouxeram a Ronald maior fama que nunca como provam papeis seus em collossaes épicos como *Tomada da Bastilha, Sob Duas Bandeiras, Horizonte Perdido* e agora *Prisioneiro de Zenda.*

Mae West conquistou maior fama quando se approximou da marca dos quarenta — embora não tenhamos algarismos positivando o que suas curvas escondem. Não era ingenua cuando fez *She Done Him Wrong.* Estaria nos seus trinta e tantos. Ha quatro ou cinco annos tem ella perturbado Hollywood... V. mesmo póde tirar as suas conclusões... Não devemos nos esquecer de que Lilian Gish, ex-estrella de Hollywood, aos quarenta está na Broadway fazendo *Ophelia* no Hamlet de John Gielgud. Irene Rich outra ex-star, francamente quarentona, com duas filhas crescidas, deixou o Cinema para maiores triumphos no Radio. E a filha de William Brady, Alice, chegou ao auge do seu brilho artistico, no primeiro anno dos seus quarenta. Alice Brady, nascida em 1892, tem um humor proprio que imitadoras tentam reproduzir, mas não chegam á sua perfeição.

"Conservar-se mentalmente activo, é a principal arma contra a edade" — diz Mrs. Lela Rogers, mamãe de Ginger, "Na minha opinião, a disposição para a vida está no seu melhor ponto aos quarenta... Por esse tempo a experiencia com a vida e as pessoas deve ter dado ponderação, conhecimento da humanidade. Tenho um pae que lhe diria que a vida começa aos setenta e tres — por ahi se vê o ponto de vista de minha familia sobre a questão" — diz essa activa e intelligente senhora, importante na descoberta e preparo de novos talentos para a RKO Radio Studios.

Voltando para diante das cameras, vemos Ruth Chatterton, aos quarenta, com dois casamentos no passado (Ralph Forbes e George Brent) agora compromettida numa encantadora amizade com o maestro hespanhol José Iturbi. A carreira de Ruth nunca esteve mais brilhante que depois de sua soberba performance em *Dodsworth.* O seu co-star Walter Huston é outra personalidade que a fama praticamente esqueceu até elle chegar aos formidaveis quarenta. Olhem para o homem agora! Muitos o chamam de principal actor da America. Olhemos tambem para Edward Everett Horton. O homem cujas bólas no palco, na téla ou no Radio fazem-nos rir tanto. Os quarenta trouxeram-lhe fama internacional e elle durante muitos annos pertencera a *stock companies...*

A approximação dos quarenta não parece influir na carreira de Fred Astaire. Aos trinta e sete annos Fred dá-nos a impressão de estar mais agil e mais leve ainda — de dia para dia. Talvez os quarenta lhe tragam maiores glorias. Se isso é possivel... Ha vinte e nove annos, um rapazinho de Palermo decidira tornar-se actor. Tinha dezenove annos. Mettera-se então num navio de Boston. Trabalhara como aprendiz de barbeiro, em estradas de ferro e como passador de roupas. Hoje Henry Armetta, depois de annos de lutas tem realisado o seu ideal — aos quarenta, ou melhor, quarenta e sete. "Descobri", diz elle, "que depois dos quarenta é onde está o melhor da felicidade. Vejo jovens que lutam para alcançar mais tarde a méta do successo. Mas tem que se plantar semente sadia para colheita feliz".

Deixando os comicos — a lista dos romanticos de quarenta annos é enorme. Temos Leslie Howard interpretando *Romeu* aos quarenta e tres. O sympathico Herbert Marshall, veterano de Grande Guerra. A Guerra passou ha denove annos, durou quatro annos para os inglezes e a idade para o alistamento era vinte e um. Bart — Mr. Marshall — é definitivamente dos quarenta. Tambem aquelle notavel Paul Muni que já tem quarenta e um. Joseph Schildkraut, quarenta e um. Ralph Forbes, quarenta. Richard Dix, quarenta e um. Edmund Lowe — o suave — quarenta e quatro. Edward Gould Robinson, quarenta e tres. O baritono Lawrence Tibbett, quarenta, E Warner Baxter, ainda nos papeis de bonitão, está pelos quarenta". No limiar dos quarenta e, portanto, se a theoria é certa, em vesperas de maiores successos está Fredric March. E Conrad Nagel, que já foi actor muitos annos, vê á sua frente, aos quarenta, um arco-iris na forma do seu novo contracto de director com George Hirliman e Grand National.

Por taes exemplos vemos que os quarenta da decrepitude passaram... Hoje, homens e mulheres estão aprendendo a tirar o melhor da vida, quando o gongo das decadas bate quatro.

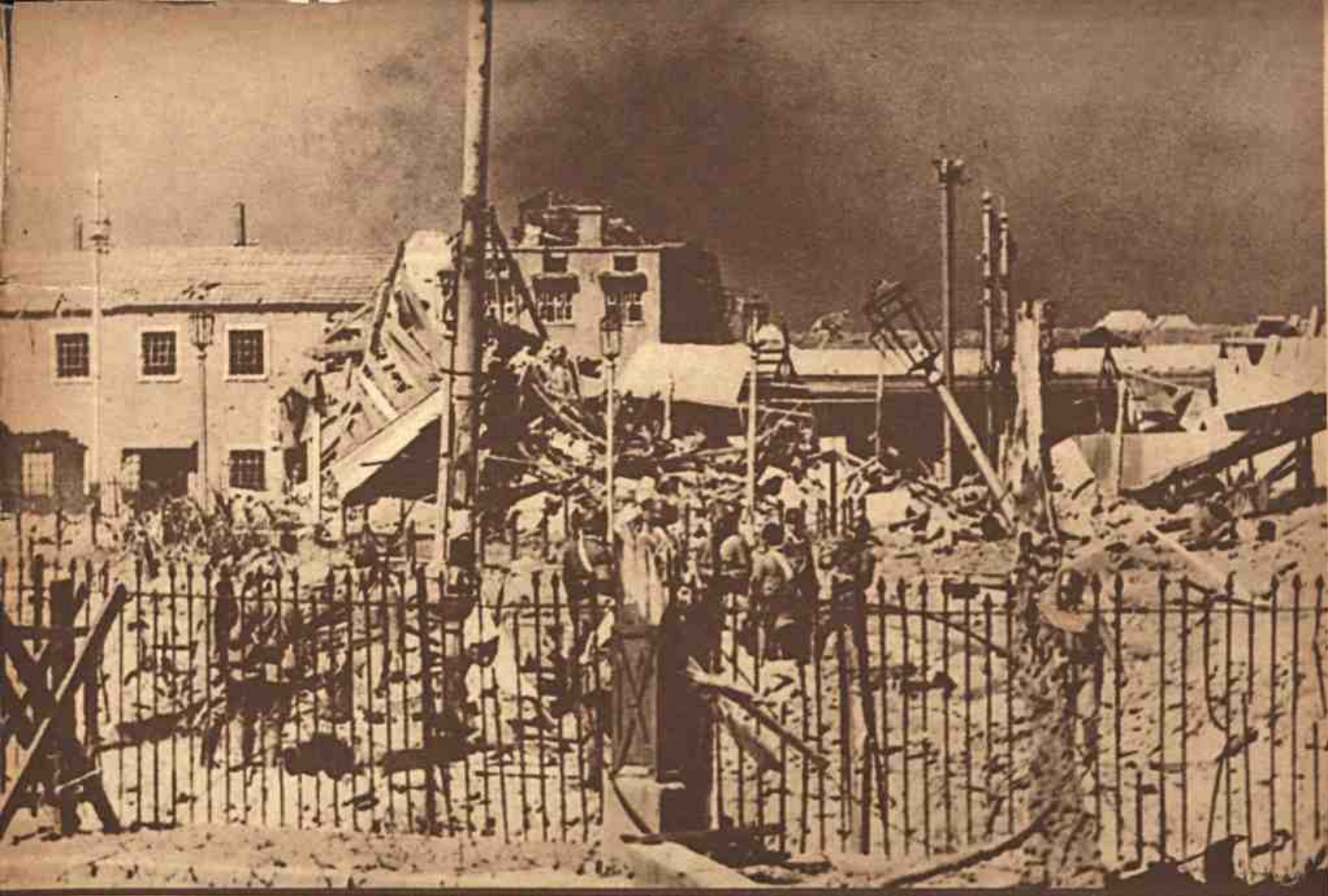
A TERRA ABRIU-SE... — Nos arredores de Potwin, no Kansas (E. Unidos), a terra fendeu-se numa extensão de 250 pés. Enormes torrões de terra deslisaram para o rio, que atravessa os dominios de Charles R. Joseph. Identico phenomeno foi verificado, recentemente, em Idaho.

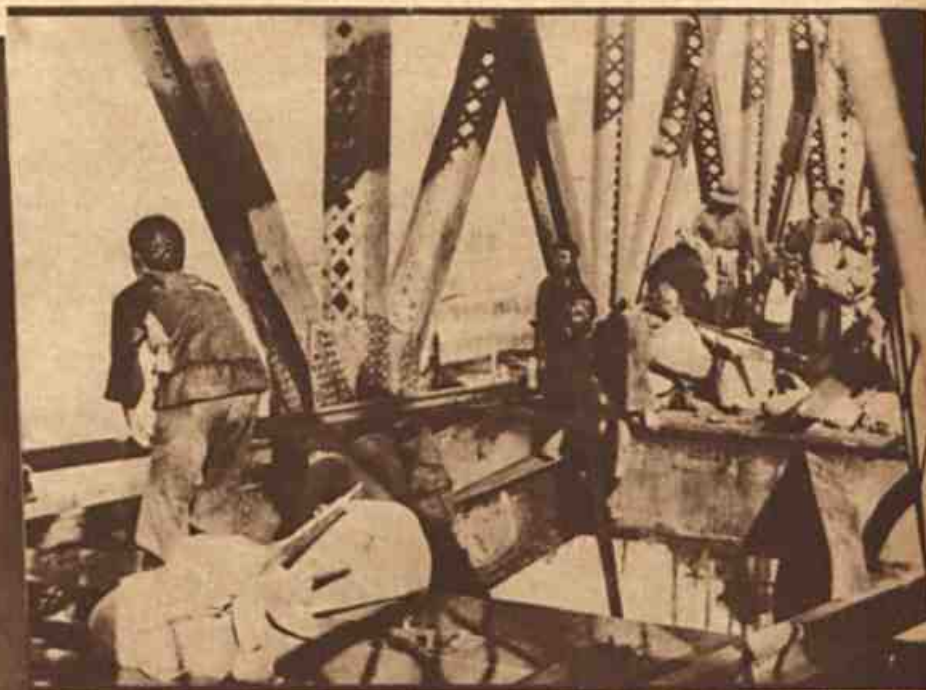
HONRA AO MERITO — O Dr. Clinton J. Davisson, sabio norte-americano, foi distinguido com o Premio Nobel de Physica deste anno. Deve-se-lhe a descoberta dos phenomenos de interferencia dos crystaes quando irradiados com electrons.

O MUNDO

INAUGURAÇÃO DE UM MONUMENTO — Em Besançon, França, foi inaugurado um monumento á memoria dos soldados mortos na Grande Guerra. A Allemanha fez-se representar por uma delegação de ex-combatentes.

AS GRANDES DATAS DA ITALIA — A's festas em homenagem ao XV° anno da Era fascista foram commemorados com desusado esplendor em Roma. Aqui se destaca os representantes de Hitler, Srs. Rudolf Hess, chefe nazista, que passa em revista a Guarda de Honor do Fascio.

MULHERES EXCENTRICAS — Uma dama de Andubon, N. Jersey (E. Unidos) offereceu um jantar a seus amigos mais intimos. Terminada a refeição, sentou-se num esquife improvisado ao lado da mesa, e dali assistiu ás dansas...

A estação Norte, da Estrada de Ferro de Shanghai, depois do bombardeio. Vêem-se soldados japonezes occupados em trabalhos de remoção do entulho.

EM REVISTA

Refugiados chinezes atravessam uma ponte de estrada de ferro, em Shanghai, emquanto as forças nipponicas vão avançando, triumphantes.

O CONFLICTO SINO-JAPONEZ

Com o proposito louvavel de fazerem cessar a guerra entre a China e o Japão, reuniu-se em Bruxellas uma conferencia, da qual participaram nove paizes. A Inglaterra esteve representada por Anthony Eden (á direita) e a Belgica por Paul Henry Spaak.

O MENINO JESUS e os grandes mestres da pintura

A piedade christã em relação á debilidade do Menino-Deus não é de hoje: vem desde os albores do Christianismo. E sempre se levantou com forte intensidade.

Unida ultimamente a ella, foi sempre a devoção á ternura da Virgem Mãe, que, ao criar seu filho amado, previa já o sagrado, porém tragico destino do infante que trazia ao collo.

Estes dois sentimentos foram o thema principal das representações artistico-religiosas, desde a constituição da Igreja, no seio das Catacumbas. Nestas pinturas primitivas começa-se a ver o Menino-Deus nos braços de sua Mãe, assignalado por um propheta ou adorado pelos Magos no presépio, onde, para exemplo de humildade, o cuidado materno collocára a divindade recem-nascida. Nas pinturas byzantinas, nas da Idade-Média e nas dos pre-raphaelistas vê-se o Menino Jesus nos braços da Virgem, nos seus joelhos, ou, então, cruzado sobre o seu regaço. Outras vezes, o Menino está no chão e a Virgem, de joelhos, contempla-o e adora-o, numa dupla ternura maternal e religiosa.

Entretanto, nestas representações anteriores á Renascença a figura de importancia do quadro ou da esculptura é a Virgem e não o seu divino filho. E' precisamente nas pinturas renascentistas que o Menino-Deus começa a adquirir importancia central nas composições pictoricas. Abundam, assim, estas, em que a Mãe e Filho, humanizados, se entregam á ternura propria deste mundo. Em Perugino, em Ortolano, em Pinturichio, em Pistoia, em Beltraffio, em Sodoma, em Leonardo, em Matesys. . . e em centenas de outros mestres renascentistas, o Menino-Deus se entrega, como qualquer creança humana, aos brinquedos proprios da sua idade.

No quadro de um dos imitadores flamengos de Leonardo, o Menino brinca com umas cerejas. Em Bellini, brinca com uma fruta. Em Coneghiano e em Mantegna, abraça a sua Mãe com a paixão estremada da sua ternura infantil. Em Verrochio, o cabello basto e solto da Virgem envolve amorosamente o filho no momento em que o abraça.

Em Zoppo, o Menino acaricia o rosto materno, num brinquedo innocente e effusivo. De onde em onde, nestas scenas de ternura ha suggestões da divindade deste Menino!. . .

Bugiardini pintou-o a ouvir, ensimesmado, com um gesto exaltado de adulto sensivel, a musica dos anjos. E Toscanelli representou-o a brincar, na sua infancia, com um brinquedo tragico: com a propria cruz que, mais tarde, havia de ser o seu martyrio. Algumas vezes, tambem, vemol-o pintado entregando-se a brinquedos infantis com um cordeirinho — o "Agnus Dei" — ou, então, com outro menino. Este outro menino que brinca com o Menino-Deus é, da mesma forma, um menino sagrado: São João. Outras, como em Corregio, estende a mão do collo materno em que se encontra. Outras ainda, como em Bonifacio, está no chão, junto ao seu companheiro, beijando-o e abraçando-o.

Os pintores mais antigos, mais proximos da Idade-Média, representam-n'o mais frequentemente divinisado em absoluto, como um menino extraordinario que comprehende perfeitamente o papel que lhe foi reservado; em Giotto, o Menino-Jesus, vestido duma larga tunica, hieratico e solemne, entrega uma flôr de liz a uma das santas que corre a adoral-o.

Nos primitivos, o Menino-Jesus é uma creança de traços expressivos.

Petrus Christus, por exemplo, representa-o com uma cabeça grande, desproporcionada, com o corpo rachitico, de linhas angulosas.

Em Memling, elle apresenta um ar rigido de boneco de papelão. Em Giorgione, um pouco exaggerado ainda, já é, entretanto, um "bambino" moreno, de olhar alegre e gracioso.

E' preciso, porém, chegar a Ticiano para podermos encontrar um menino de carne e osso, brincalhão, que enrodilha, na corôa de flores que lhe offerece, prosternada aos seus pés, Santa Brigida e sorri á Virgem-Mãe.

Tambem em Raphael o Menino-Deus, especialmente na *Sagrada Familia do Cordeiro* é um menino desenvolto e alegre, que cavalga o cordeirinho e mostra um gesto engraçado e atrevido.

Esta idealização ou divinização é, ás vezes, desviada num sentido mais humano, mas, tambem, mais artificial, como em Murillo: um menino são, de olhinhos travessos.

Nesta mesma innocencia infantil, comtudo, baseou o pintor sevilhano toda a força dramatica da figura do Menino-Deus, de um dos seus quadros; este menino, pleno de saude e de vida, dorme placidamente. Seu leito, porém, já não é o humilde mas expressivo leito de palha do presépio de Belém; não é tampouco o leito de um principe, em que o fausto do Renascimento o imaginava. Seu leito, o leito onde descansa tranquillo, com a innocencia estampada no rosto e a serenidade, em todo o seu aspecto — é a cruz.

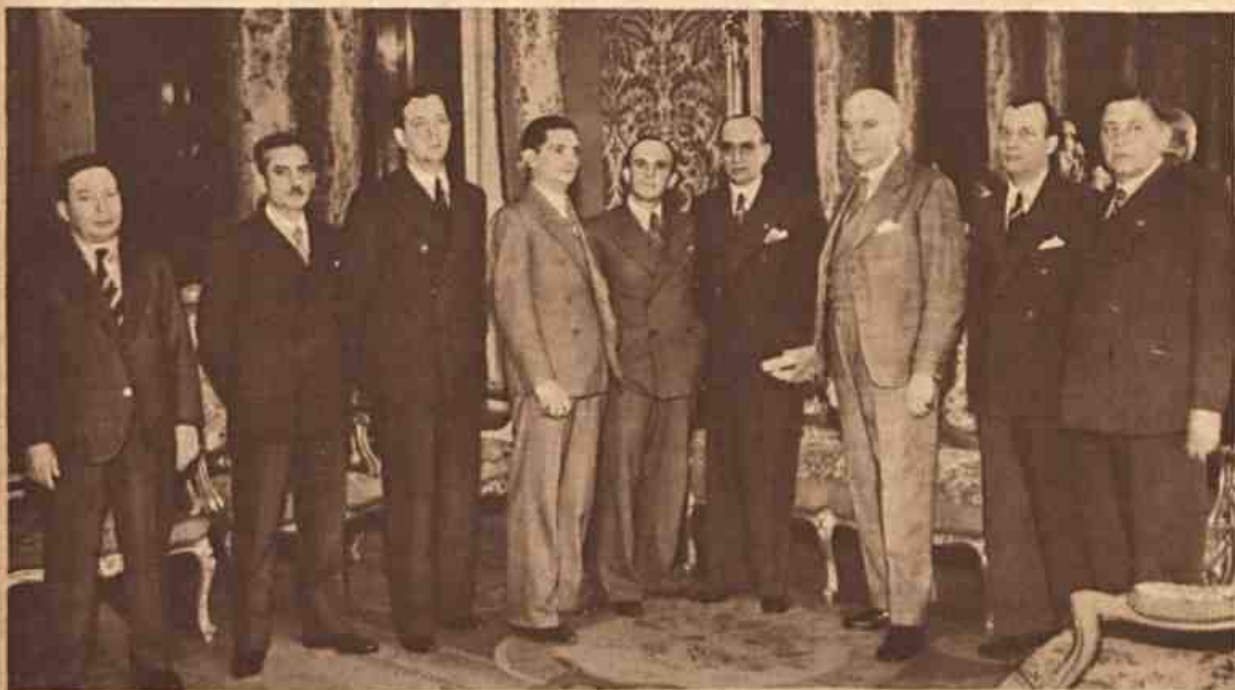
ANDREA DEL SARTO — *"A Virgem e S. José com o Menino Jesus e S. João"*

TICIANO — *"Santa Margarida"*

MURILLO — *"O Menino-Deus, pastor"*

RAPHAEL — *"A Sagrada Familia"*

"OS REIS CATHOLICOS ADORANDO A VIRGEM E O MENINO" *(Quadro da escola castelhana do seculo XV)*

COMMEMORANDO O 20º ANNO DE FORMATURA — *A turma de bachareis da antiga Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, commemorou com um grande almoço no Automovel Club, o seu 20º anno de formatura. No grupo, sentados ao centro, estão os professores ministros Rodrigo Octavio, Carvalho Mourão e Dr. Candido Mendes, que foram professores dessa turma em 1917.*

COMMENDADOR SABBADO D'ANGELO

Grupo feito no Palacio Itamaraty, por occasião da entrega das insignias da Ordem do Cruzeiro ao Sr. Sabbado D'Angelo, grande industrial paulista, conferidas pelo chefe do governo nacional em reconhecimento pelo muito que tem feito em pról da industria brasileira. O acto teve logar em audiencia especial no Ministerio das Relações Exteriores, fazendo a entrega o Dr. Mario Pimentel Brandão, titular daquelle Ministerio, em nome do Sr. Presidente da Republica.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA — *Homenagem prestada pelas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, que terminaram o curso este anno, aos seus professores.*

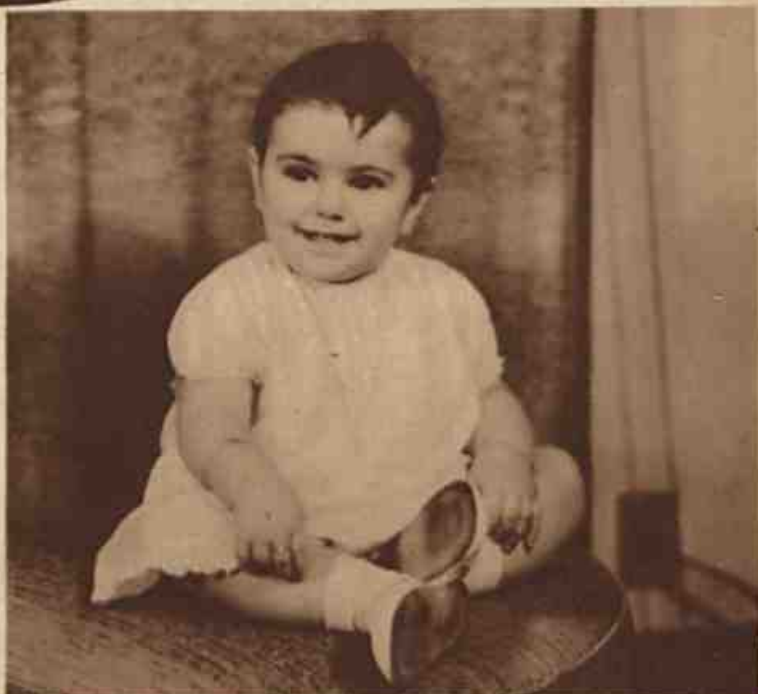
ENLACE — *Sr. Silvino Monteiro da Silva e sua noiva, senhorinha Carmen Alves da Rocha, no dia do seu enlace matrimonial.*

NOVA GERAÇÃO

Maria Thereza e seu irmãozinho Jorge, filhos do Sr Jorge Basavilbaso.

Arnaldinho, dilecto filhinho do professor Arnaldo de Moraes.

A interessante Margarida Maria, filhinha do casal Eloy Moneró.

Maria Tereza e Samiar, lindas filhinhas do casal Severino Pereira da Silva.

Thereza Regina, que é o encanto do lar do casal Mario Mattos.

FIM DE CURSO

Dois aspectos da solemnidade do encerramento das aulas no Collegio S. Paulo desta Capital. Num, o Nuncio Apostolico, D. Aloisi Massella preside a cerimonia da entrega de diplomas e premios. No outro, o grupo das bacharelandas de 1937, vendo-se, sentadas, tres alumnas coroadas: ao centro, a senhorita Hebe Ozéas Motta ladeada pelas senhoritas Amelia Conde Muntes e Helena Maria da Costa Azevedo.

Novos odontolandos e pharmacolandos da Faculdade de Odontologia e Pharmacia de Nictheroy

Collação de grão dos bacharelandos do Collegio Icarahy

Doutorandos da Faculdade Fluminense de Medicina, após a missa solemne realisada na Cathedral de Nictheroy

O sentimentalismo de Schubert

Schubert...

As duas syllabas doces deste nome não se podem pronunciar sem o gosto, o sabor de uma confidencia. As suas melodias adoraveis tramam contra o sentimento universal, e se a ouvimos comprehendemos o espirito romantico do grande compositor, cuja timidez serviu de remoque aos seus impetos de amor. A sua imaginação trabalhava incessantemente, de sorte que elle não soube lutar para conseguir fortuna. Consumiu a sua vida, como lampada votiva á espera do amor, e este lhe apparecia como a imagem do irreal.

Emquanto no salão dansavam aos compassos ternos da valsa viennense, elle ao piano olhava, minutos depois, a doce Hannerl que sorria de sua nevrose artistica. Elle continuava a tocar, mas de cada vez que ella passava perto de seu braço, uma nota harmoniosa e triste se desprendia de sua musica.

Não era a dôr que elle sentia neste momento, talvez antes o sentimento confuso de que o Amor não fosse feito para elle. Schubert vingava-se com as suas melodias que possuem os travos da emoção, em todos os accordes.

As mulheres bonitas cumprimentavam o musico, pela sua arte. O homem lhes passava despercebido.

Neste dia morrera o ultimo accorde da valsa, quando Hannerl lhe perguntou:

— Triste?

— Não — disse elle, com doçura e um sorriso resignado e fiel.

Ella insistiu:

— Por que não dansa?

— Eu dansar? — protestou o musico. Para que todo o mundo se ria de mim?

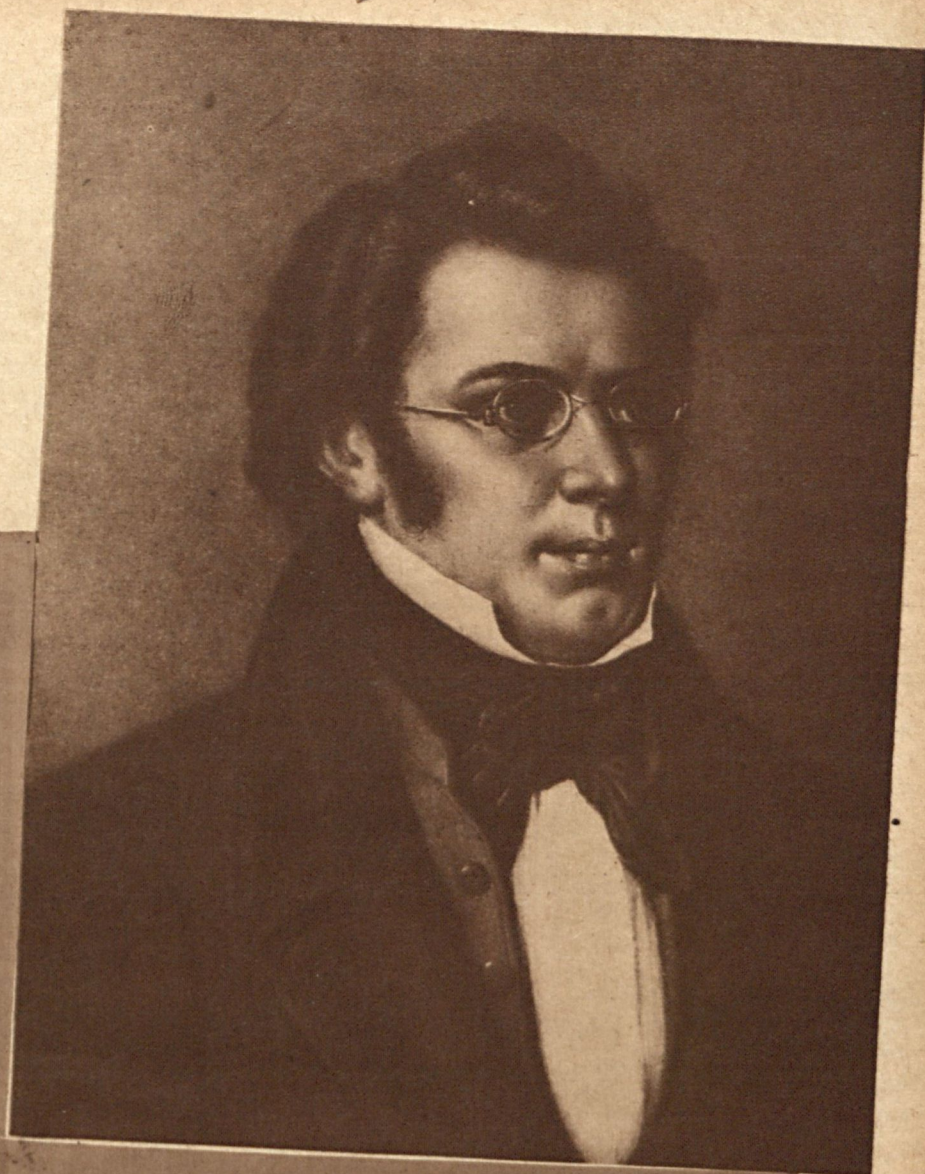
E ficou sózinho na sua melancolia, emquanto Jenger, com ar de conquistador, a conduzia pelo braço.

Ao voltar para a residencia, Schubert levou horas a fio compondo. Era como se toda a sua inspiração fremisse de enthusiasmo. Com a musica é que elle sabia fazer as suas confidencias intimas, secretas. E' verdade que Hannerl lhe manifestava a sua affeição. Recebera, porém, uma carta em que ella lhe communicara o seu proximo casamento. Com a sua decisão brusca elle empallidecera. A filha mais nova de Tschoel lamentava o que a irmã fizera a Schubert. Restava ainda a que se commovera com a sua desventura. Esta talvez o amasse em segredo. Tinha demonstrado isto perfeitamente varias vezes, inclusive na festa da vespera.

Hannerl...

•

— Franz. Emfim você.

E o gordo Tschoel abraçava com alegria o amigo. Schubert, porém, estava a saltar de emoção, nervoso, meditativo, porque Hannerl apparecera trazendo a bandeja com cerveja. Ella lançara ao musico um olhar de sympathia. Parecia confusa e nervosa.

Trazia sempre no intimo aspirações tumultuosas. Entre outros desejos possuia o de ser artista da Opera.

Trancada entre as quatro paredes de sua casa abafava comsigo todos os sentimentos mais intimos. Sonhava com a gloria, o amor, a fortuna. E quando chegou a ter coragem para dizer esse seu desejo ao pae, a casa quasi vinha abaixo. Mas, nem as razões deste, expostas com amargura, nem as suas lagrimas fizeram-na mudar de pensar.

Schubert acceitou ser o seu professor de canto.

Teve antes, porém, a ventura de prever os dramas que iriam surgir com aquella intimidade. A pequena era toda graça e flamma, e não tardou em fazer de seu mestre, do desventurado Schubert, o seu heroe de romance. Reparara na sua falta de elegancia, nas suas pernas curtas, na sua invencivel timidez. Mas era preciso amar. Talvez que o amor prohibido pudesse afastar o seu pensamento da Opera.

Formularam projectos, armaram castellos. E no seu sonho de amor, ella ficava seductora se cantava com a sua voz calida:

— "Leise fliehen meine Lider"...

Porque apesar de sua apparencia de homem circumspecto Schubert tinha pavor de ser descoberto. E talvez fosse por isso, sciente de que as alegrias terrestres não tivessem sido feitas para elle que escreveu justamente nesta época ao seu mais intimo amigo, o bom Kupelwieser:

"Imagina tu um homem cujas mais lindas esperanças se desvaneceram e que se encontra de novo em frente do Amor. E' impossivel o que sinto, e o que vejo. Perfeitamente impossivel tudo isso. O que sinto é loucura e nada mais".

Adoecendo, deixa elle os seus encargos em Vienna e vae a campanha, onde recebe depois carta do pae de Hannerl informando-lhe de que a filha que lhe jurara o mais sincero amor havia fugido com o seu substituto temporario nas aulas de canto, um italiano sem caracter e perverso.

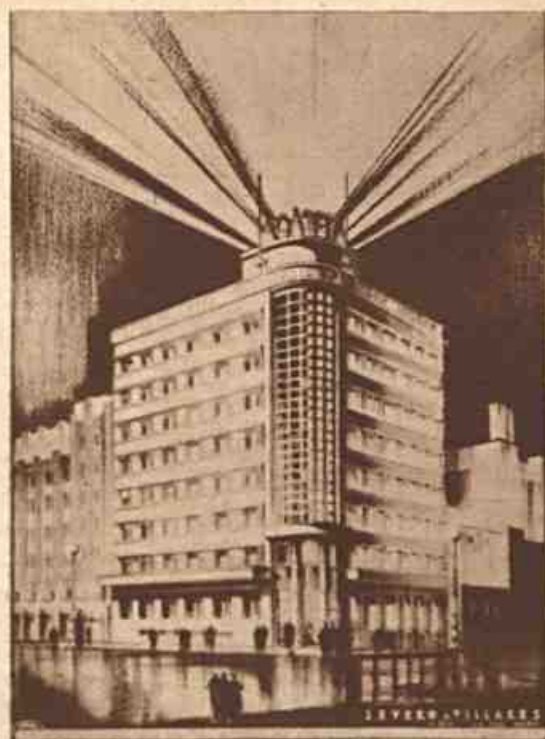
As notas da "Symphonia inacabada" foram feitas assim entre lagrimas, porque elle a compoz depois de saber do irreparavel que lhe acontecera...

"A GAZETA" E SEU NOVO EDIFICIO

"A GAZETA", o prestigioso orgão da imprensa paulista que tem como director o brilhante jornalista Dr. Carper Libero, iniciou a construcção da sua séde propria, á rua da Conceição, na capital bandeirante, em frente á egreja de Santa Ephigenia.

O inicio das obras teve caracter solemne, tendo lançado a benção sobre os alicerces D. José Gaspar d'Affonseca, bispo auxiliar da Archidiocêse.

Aqui reproduzimos um grupo photographico colhido por occasião da solemnidade, no qual se vê o officiante entre o Dr. Casper Libero e o major Espirito Santo Cardoso, Secretario do Interior e Segurança Publica do Estado, que tambem compareceu.

Ao lado, uma visão do que será o futuro edificio onde se installará definitivamente "A Gazeta", segundo o projecto approvado.

Aspecto colhido no "Tijuca Tennis Club", por occasião da distribuição do "Natal dos Pobres" mediante cartões fornecidos pelos socios.

Outro aspecto da entrega de presentes de Natal aos pobres, vendo-se a esposa do presidente do Club, Sra. Heitor Beltrão, auxiliada por diversas senhorinhas da nossa melhor sociedade, quando fazia a distribuição.

ANGUSTIA DE FIM DE ANNO

(Conclusão)

chá, foi a japoneza mais gastadora que eu conheci.

—:—

Assobiou. O creado hespanhol trouxe mais outra garrafa do authentico *boomerang* sul-africano. Del Bussi devia estar enxergando muito mal as luzinhas do pinheiro.

Tirara o casaco. Já desabotoara o casaco. Tentara levantar-se mas as pernas pareciam não lhe supportar o corpo. Quasi não se mexia no divan; estendido ao comprido, bocca aberta, bebia pelas mãos do hespanhol. Adormecera algumas vezes para acordar sobresaltado.

— Zu-chá... Zu-chá.

Seu intimo parecia em alvoroço; a testa se cobria de suor.

— Ninguem, ninguem aqui... aqui.

Cahiu prostrado. Offegante, espremia o rosto com as mãos. Falava com os olhos apertados, careteando, com grande esforço.

— Eu já não posso. Encham-me a casa... a casa.

Virou para o lado e quedou-se immovel. O hespanhol empurrou a mesa para longe. Ficou-lhe com a cabeça nas mãos. Desapertou-lhe o cinto.

— Zu... Zu... chá.

Estendia a mão para o pinheiro cheio de luzes que, em outros tempos, fôra o seu brinco mais lindo de creança. E, então, o mundo parecia-lhe a sua grande sala de brinquedos, onde nada lhe faltava.

Aquella bonequinha japoneza, — oh, sim, elle tivera uma boneca que se chamava Zu-chá... Tivera, mas, um dia fel-a em pedaços, reduziu-a a cacos de porcelana.

A sua boneca de olhos parados.

Ah, a sua angustia de fim de anno.

—::—

— "Vá, por todos os céos e estrellas, vá, hoje, que elle só quer você, Zu-chá. Eu deixo que você vá! Deixo que você seja delle, ao menos nesse Natal. Ficarei sózinho, com a casa vasia de você, mas com a certeza de que del Bussi não soffre mais. Soffrerei pela primeira vez a sua ausencia. Vá emprestada, vá para o Natal deste infeliz que tem tudo, mas não tem o que eu tenho: o amor de você, Zu-chá.

A ultima tourada em Salvaterra

MORREU em Portugal, ha tempos, o ultimo Marquez de Pombal, cuja morte seria um facto insignificante, se o seu titulo não recordasse um feito immortalisado pela penna altamente romanesca de Rebello da Silva.

Foi no reinado de D. José Primeiro, o Reformador, que se realisou em Salvaterra uma tourada, em seguimento ás outras que tinham tido o infortunio de irritar o poderoso Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e Marquez de Pombal.

Varias vezes o Ministro, com a sua voz auctoritaria, intimara quasi o rei a prohibir aquelle genero de divertimento, que o horrorisava, dizimando aos poucos os homens corajosos do seu reino.

— "Vossa Magestade — repetia elle — não tem tanta gente em Portugal, que possa dar um homem por um touro".

Por isso elle era odiado quanto temido. Nessa tarde, porém, da tourada, Pombal ficara retido em Lisboa, pelos deveres que a situação exigia. O fantasma da sua autoridade desvanecera-se um pouco da imaginação apavorada dos assistentes, que queriam gozar livremente a grandeza do espectaculo annunciado. Todos sorriam alliviados da presença importuna daquelle vigia inexoravel. Os olhares anciosos fixavam-se na arena, á espera da chegada dos cavalleiros, que afinal appareceram com o "couto das lanças nos estribos, e os brazões bordados, no velludo das gualdrapas dos cavallos". Tanto elles, como os moços do forcado e os capinhas, ostentavam trajos galhardos e ricos, encantando os espectadores que demonstravam com palmas estrepitosas a sua calorosa admiração.

O portuguez gosta de touradas, emquanto não se entorna sangue e os cavallos não são martyrisados. Fóra disso, o seu ardor abranda-se. Elle não é cruel como o seu visinho da Hespanha que se estorce de alegria vendo a terra crivada de visceras e de corpos esquartejados. Naquelle momento, em vez de visões de terror, apenas havia satisfação, joias e adornos sumptuosos. Ninguem tinha pensamentos tristes, e só se lembrava do que agradava por ser bello, brilhante e pomposo. Entre os cavalleiros, o conde dos Arcos distinguia-se pela elegancia e distincção do seu porte. Além disso o pae, o marquez de Marialva, tido como o mais illustre cavalleiro de Portugal, ali estava tambem, para assistir ao triumpho do filho. No camarote, o rei D. José I, que fechara os ouvidos ás admoestações do ministro, espera o começo da festa que não se fez tardar. A côrte e a aristocracia agitavam-se tambem com impaciencia. Um fremito de inquietação fazia palpitar com mais vivacidade o peito de Marialva que, de pé, a cabeça erecta sob a neve immaculada dos cabellos, embebia-se na figura do filho, vestido de velludo preto com rendas brancas na capa e nos punhos, e tão garboso, tão gentil, tão seguro no seu irrequieto corcel, que bem se notava ser perfeita a escola onde tomara o grau de cavalleiro. E fôra elle que o iniciára nessa arte elegante, fôra só elle. O seu coração estremecia de orgulho e de amor. Nessa mesma tarde, aprovando-lhe a bravura e incitando-o a demonstral-a, entregara-lhe a propria espada, uma lamina gloriosa, habituada aos louros.

E ia vel-o combater com a altivez dos fortes e a coragem dos eleitos. Ia vel-o!

Os seus setenta annos vibrariam ainda. O conde que atravessara a arena sob uma tempestade de ovações, parecia indiffferente ao perigo e aos applausos. O seu olhar ancioso vagueava á busca de outro que o comprehendia e amava. Firme no selim, a sua mocidade mostrava-se mais arrogante do que nunca, naquella hora luminosa.

A sua pallidez de ephebo, destacava-se ainda mais dentre as vestes escuras que lhe envolviam a esbelteza da silhueta gracil.

De subito, sem se esperar, um touro preto, soltando uivos tremendos, saiu do curral e correu para o meio da praça, numa impetuosidade louca. Todos fugiram espavoridos para as trincheiras, excepto o conde dos Arcos, que investiu para elle sem temor, fazendo brilhar o aço scintillante da espada. Os olhos enraivecidos do animal, pregaram-se no olhar intrepido do homem. Neste a serenidade e a audacia faiscavam desabridamente. A lucta, então, travou-se encarniçada. Mas sem que a multidão quasi se apercebesse, o corpo airoso do conde, era atirado ao ar e espezinhado com desespero pelas patas possantes do touro, que rugia de prazer e de ferocidade.

Ninguem pudera observar o drama terrivel, desenrolado em poucos minutos. Apenas Marialva vira tudo, acompanhara tudo, desatinado de angustia. Sómente elle, com a sua ternura de pae, pudera distinguir as arremettidas do animal, e o corpo do filho arremessado na terra e coberto de sangue. E aquella turba, avida de sensações fortes, apenas fez um silencio brusco ao divisar o velho fidalgo, saindo do camarote e tremulo de vingança, encaminhar-se para a arena, afim de desafiar o assassino do conde. O duello foi medonho e rapido. Quando o marquez, formidavel de vigor, com a vista a chamejar, enterrou a espada na nuca offegante do animal, o povo, ebrio de enthusiasmo, acclamava em brados atroadores, sem pensar na tortura daquelle pobre velho, que soluçava junto ao cadaver do jovem toureiro. A morte do actual marquez de Marialva, que talvez nunca tivesse assistido a uma tourada, veiu recordar-me aquelle vibrante episodio, a que Rebello da Silva deu tamanho colorido e tão notavel fulgor.

IRACEMA GUIMARÃES VILLELA.

Bestialogica

Bôa Noite, Maria ! eu vou-me embora.
Fujo da tepidez da tua alfombra.
Eu prefiro estar sem ti, lá fóra,
A estar comtigo a 34 á sombra !
Quando me beijas e me abraças, quando
Me ósculas e me amplexas tão febril,
Fico suando, suando, suando, suando,
Caniculando.
Sob o céo tropical deste Brasil !
E quando tu na tua inconfidencia
Mineira,
Meu amor,
Pões teu corpo alvi-negro na banheira,
Buscando um refrigerio a este calor,
Eu vou, pé ante pé, e fico de alcatéa,
Ruminando uma idéa,
Bufando e fero
Como outróra fazia o rei latino — Nero
Ante a bruta nudez da livida Popéa !
Bôa noite, Maria, eu vou-me embora . . .
Ouves o passaredo a pipilar lá fóra ?
Será a cotovia,
Maria ?
Ou é o cotovol ? Isto é, o rouxinol
Espanejando a cauda ante os raios do sol ?
Vamos fugir deste calor insano !
Encarcerar a asa
E' encarcerar o pensamento humano !
Por que choras e gemes ?
Será teu in-extremis ?
Nunca morrer assim,
De um sol assim !
Mas tu foges de mim,
Rispida e turva.
E eu suo e eu choro e eu tremo e eu gemo
Mas te espero na curva
Na estrema curva do caminho extremo.

LUIZ PEIXOTO

ano novo

Cansado, sinto o peso do ano que está morrendo, na penumbra do quarto, que a lua não deixou ficar no escuro.

Meu pensar viaja por entre os outros anos, que como este tinham tido o seu começo, e tambem o seu fim.

Quantos tinham passado?

Vou visital-os; lá estão eles encrostados no diadema dos séculos. Não ha duvida, eles, conheço-os tão bem que seria capaz de reconhece-los um por um, empilhados no arquivo da eternidade.

Já nem me lembro quantos são, devem ter sido tantos, tantos...

Vamos conta-los: Um, cinco, dez, vinte.

Só vinte, será possivel?

Talvez estão por ahi, nalgum canto esquecidos!

Vou perguntar a este homem, deve ser o encarregado de guardar os anos que vão morrendo.

— Boa noite, senhor...

Nada, nem atenção que fará resposta. Estava sentado, lendo um grande livro, parecia estuda-lo. Toquei-lhe de leve no hombro.

— Boa noite, eu queria...

— Boa noite, que faz aqui?

— Eu vim visitar meus anos, mas acho que não estão certos, pensei em perguntar, talvez o senhor poderá informar...

— Desculpe mortal, mas o senhor está redondamente enganado, primeiro que meu serviço está perfeitamente certo, e segundo devo advertir-lhe que, para não prejudicar a boa marcha do serviço, costumo não ter empregados!

Quem poderia ser este homem moço, encontrado no passeio que eu fazia dentro do meu passado?

— Desculpe-me, senhor... senhor...

— Oh! não me conhece, veja como são os homens: Eu sou o tempo, todos passam por mim e não me conhecem, pensam que sou eu que passo, e no entanto, sou eu que fico.

Mas como! O senhor é o tempo mesmo de verdade? Onde estão os cabelos brancos, a barba comprida, e o bordão para apoiar-se nos anos que ainda hão de vir...?

O tempo não deixou que eu terminasse. Uma gargalhada limpa como um bando de garças levantando vôo, ecoou pela eternidade em fóra.

E assim falando, levou-me para ver os dias do ano que ainda restavam.

— Está vendo aquele carro carregado de dias? São os dias para o ano novo, já os encomendei ao futuro, e como vê eles vem bem acondicionados, para que os homens não lhes descubram as surpresas, esperando com incerteza e ância o seu raiar.

— Mas isso tudo é inédito para mim e para o mundo. Então o ano novo já vem crescido, juntar-se aos outros que já partiram, e o senhor não fica mais velho, mais fóra de móda... mais... caduco?

Outra gargalhada cantou no espaço.

— Isto são histórias para crianças, seu...

— Sou Mario de Sá.

— Seu Mario, acredite, são histórias, nunca me senti tão forte e com tanta vontade para viver do que agora, neste século que eu mandei fazer, numa encomenda especial, sem precedentes na história dos séculos que iazem embalsamados no esquecimento, quero que seja um século bem diferente dos outros, mas ele tambem passará, como passaram todos os outros, só eu ficarei, sempre mais moco, mais forte, mais sábio, — veja, estudo sempre, e, ao contrario do que os homens pensam, cada ano que morre será para mim mais uma experiencia colhida, e mais aperfeiçoada, eu a empregarei para vestir os anos e séculos que dormem no futuro...

.. ..

Badaladas quentes como dias de sól brincaram dentro do meu sonho, acordando-me.

São os sinos de Natal, cantando o nascer de um outro ano!

Glória a Deus nas alturas, e ao homem que trabalha.

RUBEN MYLIUS

PARNASO FEMININO

ESFÔRÇO INUTIL

De que vale fingires, meu querido,
procurando esconder que ainda me queres,
se sabes ser inutil, ser perdido
tudo o que nêsse intento tu fizeres?

Mas de lembrar um sonho já vivido
sempre, por toda parte em que estiveres.
O meu amor será o Inesquecido,
o maior dos amores que tiveres.

Porque tentas mostrar esquecimento?
eu vivo dentro do teu pensamento
a povoa-lo de sonho e de esperança.

Queres fingir, mas teu olhar revela
que em tua vida eu serei sempre aquela
que de querer teu coração não cança.

DJÉANN...

ROSA DE FOGO

Sobe uma onda de oiro pelo ceu afóra...
De petalas esguias e afiadas,
Como espadas,
Ela ascende num crescendo atordoador
De brilho e de calor
Vem do calice rosicler da aurora
Onde cintila a mais viçosa flor austral
Que se projeta pelo firmamento,
Num deslumbramento,
Como um grito de fé na abobada celestial...

Ninguem a desconhece,
Mas é sempre com uma prece
Que o mundo a contempla e bemdiz,
Satisfeito e feliz!...

E assim, soberanamente esplendorosa,
No misterio do azul, cada vez mais radiosa
Se unifica e se condensa
Numa corola de luz intensa
Que ilumina todo o arrebol
Dessa "rosa de fogo" transformada em Sol!

NADIA RIOS

PAISAGEM

Já se despede o dia fatigado;
desmaia a natureza sem alento
ás caricias do ocaso ciumento.
São as nuvens em bando alvoroçado.

Um veu de seda púrpuro e esgarçado...
Fulgura o sol como um rubi sangrento
no estojo azul-setim do firmamento.
Envolve a terra um manto avermelhado...

Um coqueiro distante o céu arranha,
agita as folhas, manso, o leque espalma
no colo magestoso da montanha.

Ha nessa tarde exagerada calma;
e no silêncio ha placidez tamanha
que se reveste cada coisa de alma...

ZOIA DE LAET

PARA VOCÊ

Você, que conheci em hora de amargura
Em que meu coração cansado de sofrer,
Ancioso procurava um hausto de ventura,
Escute um só momento o que lhe vou dizer:

— Eu sofro tanto e sou tão triste... com carinho
Procure amenizar a dor que me vae n'alma
E o que de mal passei... pouco a pouco mansinho
Só você poderá lhe dar de novo a calma...

Si puder seja bom... seja bom para mim
Ajude-me a esquecer meu passado tristonho,
Me queira muito bem para que eu sinta enfim
Qualquer cousa feliz, mas que não seja um sonho!

Ensine-me a querer com muita intensidade
Tenha meu coração bem juntinho do seu
E' mistér que jamais nele vibre a saudade
De tudo que passou... de tudo que morreu...

Guardo para você um mundo de ternura
E minha gratidão por isso não tem fim.
Ama-lo saberei com fervor, com doçura
Si você sempre for muito bom para mim...

ALBA C. DE ALBUQUERQUE

VIDA

Que somos nós *mortaes*, dentro da Vida;
Da Vida misteriosa e soberana;
Da Vida que é perene e indefinida,
Que tudo envolve, da qual tudo emana?

Sómente um grão de areia
Que n'um momento crê, n'outro duvida,
Que ora é um verme a rastejar na lama,
Ora um clarão, um astro que se inflama
Na propria Luz!
E', humilde grão de areia, não deduz
Que a Vida que o envolve e que o domina
E n'elle se detem,
E' emanação divina
E o homem é um deus tambem!

CELESTE JAGUARIBE DE MATTOS FARIA

DECORAÇÃO DE FRAGUSTO

SENHORA
suplemento feminino

— Natal... Anno bom...
— Bom, mesmo?
— Talvês...

Ao fim do anno que se despede, o que mais aninhamos no peito, é a esperança, uma esperança enorme de realizar o que não realizámos.

Uns aspiram melhoria de negocios.

Oustros querem resolver negocios de amor.

Açulam-se, assim, as illusões. Reanimando-se, reanimam-nos.

E nem uma sequencia de dias bons, vividos ao embálo de illusões.

Depois...

Outro anno. Outra fase de reanimação.

"...e num adiamento eterno é que se espera a eterna esperança que se adia".

* * *

Bem fazem os que se limitam a viver a hora presente.

E haverá quem não acoite uma sombra, um pequeno bocado de anseio pela realização de um desejo immenso?

* * *

A temporada de festas attinge a todos.

Mesmo a quem, em logar de dizer dos trapos e outros detalhes da moda feminina, rabisca o que ficou talvês até por esporte...

* * *

Agora é que o verão nos visitará. Já deu mostras aliás, a 10 de dezembro, do que será: Quarenta e sessenta gráos — ao sol e á sombra.

Pois leitoras, é cuidarem de roupas leves, preferir linhos e cambraias a qualquer outra sorte de tecido. E trazerem aos pés as novas sandalis, procurando tratal-os de maneira a dispensar as meias. (Que conomia!)

Dez minutos diarios de sol tornam as pernas da côr das meias em uso actualmente.

— Está quente, muito quente. Vamos á praia? Uma blusa de cambraia de linho, uma saia de shantung, eis a roupa ideal.
— E o "maillot"?
— Melhor. Iremos nadar...

Costume de shantung de linho azul medio, blusa "frente unica" talhada em seda "imprimée"

Vestido de linho branco estampado a côres. Modelo singêlo e actual.

Sapatos modernos, para quem não gosta de sandalias.

DE TUDO UM POUCO

UM DIA MAIS

Um dia mais na vida é um a menos
De quantos inda temos p'ra viver!
Um dia mais de vida, bem sabemos
Que é menos um que falta p'ra morrer.

Um dia mais! E nem sequer podemos
Vivel-o como bem nos parecer;
E' mais um dia ainda que perdemos,
E' mais um dia ainda p'ra soffrer.

E eu penso, meu amor, na crueldade
De nos termos achado já tão tarde
E a minh'alma punge extranha dôr.

Um dia, mais, passado de fugida
Approxima do fim a nossa vida,
Approxima do fim o nosso amôr.

Alice Ogando

COISAS DE HOLLYWOOD

Por LEROY MARCH

Lemos o seguinte cartaz, dependurado no camarim de Irene Dunne: "Si está resfriado, retire-se"... Ann Dvorak mora perto dum campo de golf e teve de mandar collocar vidros á prova de bolas de golf nas janellas do seu "chateau"... Elles encolheram com a onda de frio que cahiu em seguida sobre a cidade do cinema e sua casa tornou-se uma verdadeira "frigidaire". Foi, assim, obrigada a pôr mesmo vidros communs... Robert Taylor perdeu todos os numeros de telephones de suas amizades, porque os carpinteiros do studio substituiram a porta do camarim, onde estavam escriptos os preciosos endereços. Carole Lombard tem duas mascottes que lhe dão muita dôr de cabeça: dois jacarés que lhe enviou um "fan" da Florida. Si faz calor demais, correm o risco de morrer, si esfria demais o tempo dormem tão profundamente que Miss Lombard fica nervosa pensando que já não vivem. E, por falar em Carole. Dizem que ella é muitissimo economica. Guarda muito de suas rendas, segue um determinado orçamento, guia ella mesma um carro de pouco preço e vivia numa casa modesta... Ida Lupino tem estas mesmas qualidades...

Diogenes andou á frente do seu tempo. Elle devia ter ido a Hollywood, e, em vez duma lanterna, teria uma lampada automatica. Trata-se de Tyrone Power. Ha trinta e seis annos, Tyrone Power, pae, estava na Australia com uma companhia. Não ganhavam um vintem, não podendo, por isso, pagar, a um photographo, uma pequena divida. O recibo de 42.50 dollars, chegou, outro dia, aos Studios da 20th Century-Fox, endereçado a Tyrone Power, que ficou muito contente, pois o homem não cobrava os juros. E saldou o velho compromisso.

Vae-se a Hollywood por varios motivos, mas Morris Wtoloff, que supervisou a musica para o novo film de Grace Moore, "When Iou're in Love", foi porque seu irmão quebrou o braço, quando eram ambos muito jovens. Parece que o pae delles queria um musico na familia, e escolheu o tal irmão. Comprou-lhe um violino, pagando adiantadamente um curso. Mas, acontece que o rapaz quebra o braço, e, assim, "papá" passou o violino e o professor para o rapazinho chamado "Horris".

Gene Raymond, Leslie Howard, Dolores del Rio e Cedric Gibbons num banquete memoravel.

SEGREDOS DA BELLEZA

Por Max Factor, o genio do "make-up".

A arte de usar a pintura, significa, literalmente crear illusões opticas. O fim é obter uma imagem perfeita.

A belleza não é a unica arte que, por vezes, repousa numa base de irrealidade. Os mesmos principios applicam-se á architectura, á arte de vestir-se, desenho, paysagem, pintura, etc. O pequeno quadro representando uma paysagem e que dá a impressão do espaço e distancia, uma sala que parece grande e espaçosa ou o jardim com todos os seus relevos, estão sujeitos á mesma regra que faz com que um rosto gordo, redondo, pareça oval.

A technica de applicar o make-up para taes fins foi, naturalmente, desenvolvida em Hollywood, onde os "camera-men" e os maquilladores acharam necessario collaborar, fazendo experiencias para que os rostos que ficassem quasi perfeitos, quando essa perfeição só era encontrada em rarissimas mulheres. Em todo Hollywood seria difficil achar mais de uma ou duas caras que não precisassem retoque. Sylvia Sidney e Virginia Bruce são as unicas que posso citar no caso.

Toda mulher é amadora da arte do *make-up*. Ha de sentir difficuldades, a principio, em obter os effeitos que o profissional recommenda, mas aprendendo a olhar para si mesma na attitude de severa critica, conseguirá uma belleza quasi perfeita.

Um rosto comprido modificará de feitio com as linhas "transversaes".

As sobrancelhas não deverão ser muito arqueadas, e sim rectas.

O "rouge", que póde auxiliar a belleza, tem de ser posto um tanto na largura do rosto, mais para as orelhas e para os olhos. A bocca alongada, o cabello penteado de maneira a dar impressão de rosto largo.

Não escolher cachos no alto da cabeça, e sim ondas, cachos soltos dos lados.

Galanteria romantica:

— Diga-me, porque se vêem sempre, na sociedade mais mulheres do que homens?

— Pela mesma razão porque em toda a parte, se vê mais céu do que terra.

Veste de trobalco estampado para tomar banho de sol.

GAFFE

No salão de Mlle. Lespinasse, d'Alembert parecia conversar, com prazer, com um homem sem prestigio.

— Como — disse-lhe um dos presentes — consagrou bem uma hora de conversa com este infeliz bastardo?"

— Senhor, respondeu d'Alembert, sou tão bastardo como aquelle homem...

O gaffeur, inconsolavel, approxima-se da dona da casa:

— Tive agora o grande desprazer de contrariar o Sr. d'Alembert. — E contou o que lhe succedeu.

— Lastimo, Senhor, responde Lespinasse: estou no mesmo caso do Sr. d'Alembert.

Depois desta série de catastrophes, o gaffeur só tem um geito: viajar.

PARA BEBER CLAIRETTE

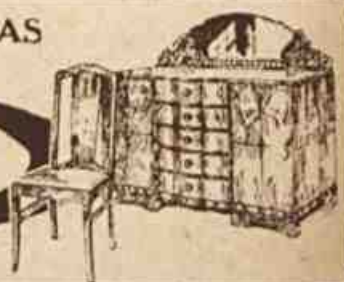
Tomar cerejas bem maduras, groselhas em tres vezes menor o peso e outro tanto de framboezas. Esmagar tudo numa terrina, extrahindo depois o summo num guarda-napo. Juntar o mesmo peso do liquido em Calvados, assucar em proporção de 185 grs. por litro de liquido. Accrescentar tambem, por litro de liquido, 4 cravos, 4 grãos de pimenta branca, um pouco de noz moscada e coentro, bem amassados. Deixar de infusão por quarenta e oito horas num recipiente bem fechado. Filtrar em seguida, engarrafando depois. Beber gelado, com agua de Seltz.

COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Joan Fontaine está aqui, um elegantissimo traje de crêpe branco estampado a cores, chapéo de palha, sandalias brancas. (Foto Radio Pictures)

Marie Wilson — "player" da Warner Bros, suggere, para a presente estação, esta aba de palha da Italia sobre um lenço de seda escosseza.

Sala de estar — Moveis claros, poltronas com fôrro de velludo verde e tiras de velludo "beige" e velludo vermelho pastilhado de branco. O tapete diz com os tons das cadeiras.

Organdi branco e crêpe de seda marinho pastilhado de branco — constituem a guarnição deste quarto de estylo rustico.

Apparelhos de massagem

Pelo
DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

A massotherapia tem tido progressos admiraveis e assim é que hoje possuimos apparelhos especiaes fabricados com o fim de substituir a massagem manual. Esses apparelhos não podem, absolutamente, supprir a massagem feita pela mão, mas vêm completal-a, quando manejados judiciosamente. O vibrador veiu substituir os apparelhos de rôlo e de bola, que eram utilizados ha annos atraz para massagem facial. Os apparelhos vibradores possuem como accessorios diversas peças, em geral de borracha, que lhes são adaptadas facilmente e cujos modelos são os mais variados possiveis. Esses apparelhos são de facil manejo, relativamente leves e movidos por um motor electrico ligado a uma corrente.

A massagem da pelle pela alta frequencia

A massagem da pelle pela alta frequencia tornou-se ha já alguns annos de uso corrente.

Os apparelhos de alta frequencia mais usados são confeccionados em pequenas caixas portateis, possuindo um fio apropriado para ser ligado a qualquer tomada de corrente electrica, um cabo porta electrodo, onde são adaptados os electrodos necessarios á massagem e cujo numero e fórma variam muito e, ainda, um mostrador para que se possa graduar a intensidade da corrente.

Os apparelhos de alta frequencia são chamados de raios violeta para luminosidade especial dos electrodos; entretanto, não devem ser confundidos com os apparelhos de raios ultra violeta, cujas applicações medicas são differentes e que não podem ser usados sem o rigoroso e permanente controle do medico.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

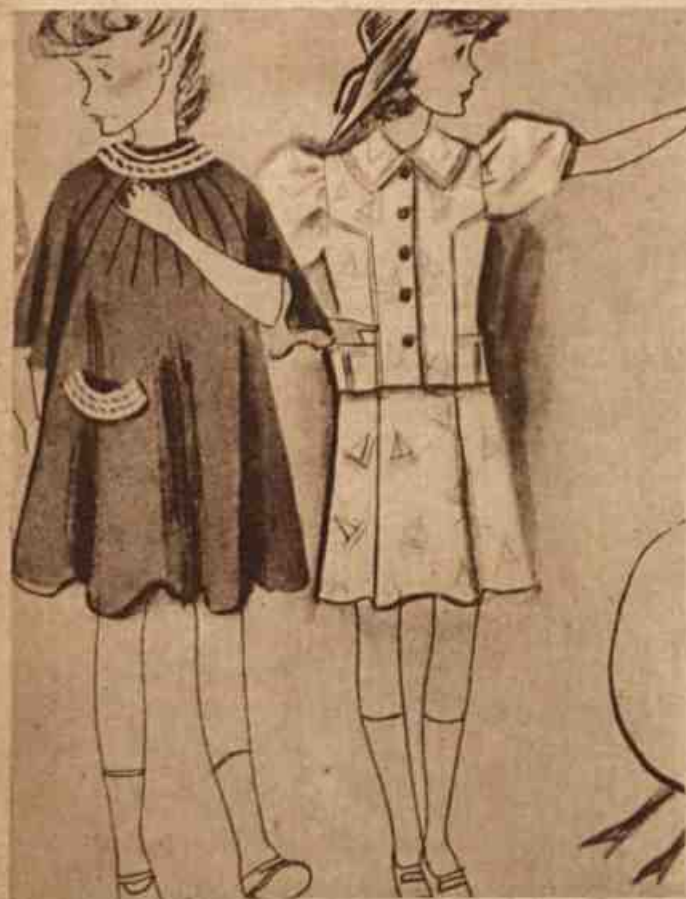
GRATIS

Gosta de BORDAR?

Procure conhecer os PEQUENOS ALBUNS de desenhos para bordar, publicados pelos fabricantes da linha "Ancora", e que contêm motivos originaes de riscos coloridos (decalcaveis) com as indicações faceis para fazer os bordados.

"O MALHO" remetterá gratuitamente um desses ALBUNS a quem nos solicitar enviando para este fim 200 réis em sellos do correio para o porte.

Pedidos á Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio.

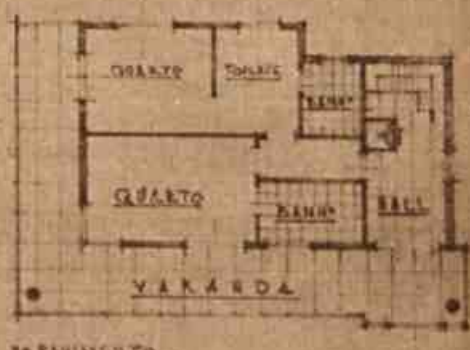
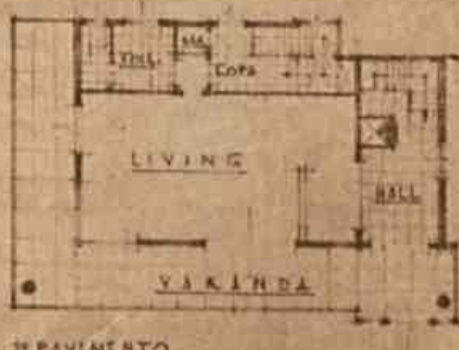
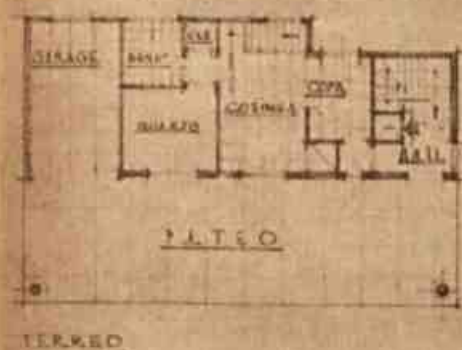
PARA GENTE MEÚDA

A contar da esquerda: vestidos de shantung branco, viezes de seda escarlate e bolinhas brancas; de cassa estampada; saia cinza e blusa "marron"; de linho estampado; de crêpe vermelho, bordado azul em cadarso branco; costume de shantung.

ESC. TECHNICO DE CONSTRUCÇÕES
LUIZ DERENNE & IRMÃO
ENGENHEIROS R. CHILE 21 1º

A NOSSA CASA

O projecto que offerecemos hoje aos nossos leitores é de linhas modernas e localisado em amplo terreno, apresenta como pode ser visto na perspectiva aspecto rico e magestoso, apesar da simplicidade das suas massas.

A observação que o nosso prezado leitor fizer das plantas de distribuição em cada um dos andares dará a idéa bem definida do conforto e elegancia que possue uma construcção desse typo.

Os nossos collaboradores Luiz Derenne & Irmão, com escriptorios á Rua Chile n. 21, 1.º andar, nos remetteram o projecto de hoje.

Palavras Cruzadas

CHAVES

HORIZONTAES: — 2 — Esculptor portuguez; 3 — Importancia; 7 — Homem de pequena estatura; 8 — Parte posterior do navio; 11 — Membros empenados das aves; 12 — Corcovo; 13 — Tragedia de Shakespeare; 16 — Esbelta; 17 — Pedra; 18 — Perfume; 19 — Nota musical; 20 — Artigo.

VERTICAES: — 1 — Renque; 2 — Corruptela de senhor; 3 — Poetisa portugueza; 4 — Villa do Estado da Bahia; 5 — Homem politico brasileiro; 6 — Cousa de nenhum valor; 8 — As Musas; 9 — Palpitar; 10 — Serpente do Brasil; 14 — Ahi; 15 — Jogo de azar; 18 — Actualmente.

CONDIÇÕES PARA CONCORRER

Para tomar parte neste torneio, concorrendo aos dez premios que sortearemos entre os decifradores, basta enviar a solução em uma unica folha de papel com o endereço completo — nome ou pseudonymo, rua, numero, cidade e Estado — collando, ao alto, o coupon n.° 161, que aqui publicamos.

As soluções deverão estar em nossa redacção — á Travessa do Ouvidor, 34 — Rio — até o dia 5 de Fevereiro e publicaremos o resultado no dia 17 do mesmo mez.

Os enveloppes devem trazer a indicação: — *Jogos e Passatempos*.

JOGOS E PASSATEMPOS
COUPON N.° 161
PALAVRAS CRUZADAS

CONTEMPLADOS NO SORTEIO DO TORNEIO N.° 154

DISTRICTO FEDERAL:
Aracy Mendonça — Rua Cardoso, 40 — casa XV.
Heloisa Camara — Rua Frei Leandro, 42.
Jocama — Rua Alfredo Chaves, 58.
Miramar — Edificio "Rex", sala 919.

S. PAULO:
Walter Cabral de Oliveira — S. Paulo.

ALAGÔAS:
Ivan Paiva — Maceió.

PERNAMBUCO:
Sosigenes Gomes da Fonseca — Recife.

RIO GRANDE DO SUL:
Cantalice Torres Ribeiro — Porto Alegre.

BAHIA:
Munir Assmar — Cidade do Salvador.

RIO DE JANEIRO:
Carlos A. Medeiros — Nictheroy.

SOLUÇÃO EXACTA DO TORNEIO N.° 154

GALERIA DOS DECIFRADORES

OSWALDO DE ARAUJO JACQUES, *residente em Quarahy, Rio Grande do Sul*

MANOEL COSTA, *residente nesta Capital*

A FASCINAÇAO E AS "MULHERES FATAES"

A nossa chronica mundana ou meio-mundana tem registrado ultimamente varios casos ruidosos em cujo primeiro plano figuram creaturas do sexo chamado "fraco" ou "bello", segundo as circumstancias, que se catalogam no sector humano designado pelo nome de *Mulheres Fataes*.

Não sei até que ponto a designação convem ao "bicho" — si tão irreverentemente me ouso exprimir,—sei, porém, que ella representa um esforço de classificação e tudo quanto é classificação é util philosophicamente fallando.

Admittamos, pois, em principio, a existencia das *Mulheres Fataes*, para designar uma categoria especial de "damas" que parecem attrahir a desgraça ou a ella impellir as suas victimas do sexo barbado.

Ao correr das minhas peregrinações jornalisticas pelo mundo— correspondente ou enviado especial de varios grandes orgãos do meu longinquo tempo de jovem plumitivo —, eu conheci pessoalmente, nas minhas reportagens internacionaes, alguns exemplares dessa fauna.

Permittam-me que os evoque por comparação, agora que os fluidos mysteriosos das *Pierrots* estão alimentando a chronica escandalosa brasileira.

A TARNOWSKA

Eu conheci a TARNOWSKA em carne e osso e fiz sobre ella, na velha *Gazeta de Noticias* do "Rochinha", uma reportagem que, pelo palpitante do assumpto, fez censação.

A TARNOWSKA, objecto de um processo ruidoso que se desenrolou no quadro empolgante de Veneza, era um typo de aventureira dos mais completos. Entre muitas outras façanhas, ella foi reconhecida culpada de ter impellido o marido a um duello com um dos seus amantes; de se haver, em seguida, amasiado com o seu proprio cunhado que depois arrastou ao suicidio, levando a perversidade ao ponto de adquirir ella propria a corda que serviu a esse acto de desespero; de levar a toda sorte de baixezas que o deshonraram, até mesmo ao roubo, um jovem e esperançoso advogado de Vienna, que havia defendido com brilho os seus interesses no processo contra ella tentado pelo Conde TARNOWSKI; de, amante do viuvo de uma amiga, leval-o a fazer um seguro de vida em seu favor e ter impellido outro amante — um moço filho de distinctissima familia — a assassinar o assegurado para receber o premio da cubiçada apolice.

A TARNOWSKA chegava aos seus perversos fins graças exclusivamente á fascinação amorosa que exercia sobre os homens.

Cousa curiosa, apparentemente, ella nada tinha para seduzir.

*

MADAME STEINHEIL

Outro conhecimento meu de mulher-fatal — essa em Paris — foi MADAME STEINHEIL, accusada de ter ao seu passivo trez mortes ruidosas — a do seu marido, o pintor STEINHEIL, a de sua propria mãe — ambos proprietarios de apolices de seguro em seu proveito — e a de um presidente da Republica Franceza, FELIX FAURE, subitamente fallecido num *rendez-vous* amoroso com a perigosa creatura.

Aliás esta ultima morte não era apontada como um crime, mas como um "accidente de amor" sobre cuja natureza convem deslizar.

Como disse acima, conheci pessoalmente MADAME STEINHEIL e sempre me admirei da seducção que exercia sobre os homens essa mulher desprovida de belleza — sem elegancia, quasi vulgar...

A TARNOWSKA era nariguda, angulosa, de maçãs exageradamente salientes, de olhar duro; a Steinheil era a burgueza "repolhuda", vulgar, sem nenhum encanto!...

De onde vêm, então, a força mysteriosa das "damas" filiadas á categoria "Fatal"?

Dos seus poderes de *fascinação*, por sem duvida.

Deixem-me dar fórma ao meu pensamento e estabelecer a differença entre a *Seducção* — que é em summa, um immenso don de sympathia ou *sex-appel* — e a *Fascinação* — instrumento perverso de Magia Negra.

*

SEDUCÇAO E FASCINAÇAO

A *seducção* é o encanto agradavel que irradia de alguem que se faz amar ou desejar. A *fascinação* é uma seducção elevada a um "grãu diabolico". Esta ultima não aspira sinão o mal, ao passo que a primeira, só tendo em vista, é facto, satisfacções materiaes, exerce-se, todavia, sem calculos perversos. Uma creatura seductora, irradia a sua influencia sobre os individuos e o meio. Ha mulheres assim: os homens deixam-se por ellas attrahir, voltam-se empolgados de desejo quando ellas passam triumphantes "andando sobre os corações". Uma fascinadora — mira a victima, subjuga-a, domina-a, fascina-a. A primeira, tem um immenso poder; porém, elle é inconsciente, ou não utilizado a segunda, sabe que o tem dirige-o serve-se delle como de uma arma. A sua força é quasi absoluta, porque a vontade do fascinado dissolve-se, por assim dizer, ao contacto da do fascinador, como o sal ao contacto da agua.

Poder da fascinação, fórma hypnotica consciente — RASPUTIN o tinha — sae das profundidades mysteriosas do ser para agir sobre certas sensibilidades particulares da presa escolhida.

Os individuos predispostos a soffrer essa influencia nefasta, quando em presença da potencia que domina a sua vontade, deixam de ser o que são para se tornar instrumentos de uma passividade tanto maior quanto mais elevado é o poder do fascinador. A vontade dominante pode chegar a annular por completo a dominada. Ella envolve os fascinados, penetra-os e estes se abandonam ao conquistador victorioso, são todo submissão, não têm velleidades de revolta — ao contrario, dir-se-ia que o jugo lhes dá prazer. Elles experimentam a necessidade de sentir pesar sobre si a energia extranha que annula a sua.

A seducção determina um estado de doce abandono. A pessoa que seduz exerce o seu poder mysterioso, mas não busca annular a vontade daquelle sobre quem se exerce. O seu esforço tende a fazel-a partilhar as suas satisfações. O seu egoismo é, pois, muito attenuado. O do fascinador é integral e despotico. Não procura seduzir ou persuadir: dá ordens, dirige impressões que provoca e os meios de acção que utiliza, recorre a palavras magicas, a calculos sabios; usa da frieza ou do arrebatamento (segundo as circumstancias), nas suas combinações emprega requintes de comedia, fingimentos longamente estudados e preparados.

*

A seducção não annula a personalidade; busca conquistal-a pela sympathia. A fascinação causa uma extranha sensação feita de volupia, de terror e de anniquilamento do ser. E' o gosto do risco que ella desperta, a paixão do desconhecido, a attracção do abysmo, que se exerce sobre a victima. Esta sente correr á catastrophe, mas não tem forças de resistir, nem de deliberar ou escolher — a sua vontade foi supprimida...

FASCINAÇAO — MAGIA NEGRA

Os occulistas comparam com razão as manobras da fascinação ás operações da Magia Negra.

O fascinador apodera-se das forças psychicas ao alcance dos seus meios para exercer acções nefastas, em proveito proprio ou de terceiros a cujo serviço se colloca. O caso da MATA-HARY e o de todas as mulheres empregadas na espionagem, são caracteristicos.

Desconfiemos de todos aquelles que, sob apparencias brilhantes ou enigmaticas, fazem nascer no fundo mysterioso do nosso eu, vagos e indefinidos temores, inquietações, receios inexplicaveis de que um perigo occulto nos ameaça...

Essas creaturas nefastas acabam sempre por sucumbir victimas dos seus proprios *satanismos*; porém, arrastam na quêda innocentes e, não raro os entes igualmente nefastos que os utilizam.

Os nossos grosseiros "paes de santos" levam frequentemente ao abysmo os que recorrem ás suas baixas manobras. Todos os livros sobre satanismo previnem os imprudentes dos perigos a que se expõem.

O segredar da consciencia, da sensibilidade — antena mysteriosa de que o astral nos dotou — tambem previne os incautos pela voz dos presentimentos..

DEMETRIO DE TOLEDO — Director de "SOMBRA E LUZ" Revista Mensal de Occultismo e Espiritualismo Scientifico. —

O redactor da secção SEGREDOS desta revista attenderá de bom grado ás solicitações e pedidos rasoaveis dos leitores d'O MALHO, quando forem acompanhados de um enveloppe sellado para a resposta. Evidentemente os trabalhos particulares exigem remuneração a combinar, segundo a importancia.

Os ESTUDOS GRAPHOLOGICOS requerem 1 ou 2 paginas de escripta espontanea. Os CHIROMANTICOS (linhas das mãos) não podem dispensar a impressão das mãos ou a presença do paciente. Os ASTROLOGICOS pedem data, logar e, si possivel, hora do nascimento, sendo bom juntar estado civil, numero de filhos e profissão. Os ESTUDOS PHYSIOGNOMONICOS requerem duas photographias — uma de face, outra de perfil.

Fazem-se outros estudos igualmente: pela GEOMANCIA, ARITHMONANCIA COM OS DADOS, NUMERO SAGRADO, TAROT, etc.

Informações e condições serão communicadas a quem escrever ou telephonar a: DEMETRIO DE TOLEDO, redactor de "SEGREDOS" 71 fundos, rua das Arrrias (Gavea) — Rio de Janeiro — Phone: 27-7245.

1938
Um Colosso!
Formidavel
ALMANACH DO
'O TICO-TICO'